O Organizador Operário Internacional
Fração Leninista Trotskista Internacional
Coletivo pela Refundação da IV Internacional
e-mail: fltinternational@ymail.com • www.flti-ci.org

Nova Época N°11

Aonde vai a Grécia?

O plebiscito de Syriza e seu governo burguês representante dos banqueiros gregos e da Goldman Sachs foi uma enorme estafa aos trabalhadores e ao povo

Desde 2008, enormes ofensivas revolucionárias das massas e grandes traições do stalinismo e da esquerda reformista

PARA QUE A CLASSE OPERÁRIA EUROPEIA VIVA, QUE MORRA O MAASTRICHT IMPERIALISTA!

Pelos Estados Unidos Socialista da Europa!

Syriza, igual que Karanmanlis e Papandreu, é o carcereiro da juventude rebelde
Liberdade a Nikos Romanos e a todos os presos políticos gregos!

LUTA PELA BASE
BOLETIM N°7 - Preço: R$4,00

Porta-voz do Comitê Revolucionário Operário e Juvenil pela Autoorganização (CROJA) Aderente da FLTI Coletivo pela IV Internacional
02 de Agosto de 2015

comitepelarefundacaoiv@yahoo.com.br
comitepelarefundacaoiv.blogspot.com lutapelabase2013@gmail.com
https://www.facebook.com/ComitePelaRefundacaoIV

ABAIXO O ATAQUE DE MERKEL-TSIPRAS CONTRA A CLASSE OPERÁRIA GREGA!

Este pacto é um ponto de partida de uma nova e feroz guerra dos capitalistas contra os trabalhadores da Alemanha e de toda a Europa

As massas combatem contra a policia ao redor do parlamento contra a confiscação do salário e dos bens dos explorados

A faísca de Atenas agora deve incendiar Berlim e todo o continente!

QUE SE VÃO TODOS, QUE NÃO FIQUE UM SÓ!

O plebiscito da Syriza e seu regime burguês representante dos banqueiros gregos e da Goldman Sachs foi uma fraude grosseira para os trabalhadores e o povo

O grande capital grego em bancarrota é sócio menor do Maastricht, do FMI e da Troika na quebra da Grécia

Abaixo o ataque da Merkel-Tsipras contra a classe operária grega!

Este pacto é o ponto de partida de uma nova ofensiva contra os trabalhadores da Alemanha e de todo o Maastricht imperialista

A faísca de Atenas deve agora incendiar Berlim e toda a Europa!

Que vão todos e não fique nenhum!

Grécia já faz anos que está diante uma alternativa de ferro: Até a revolução socialista ou até um estado vassalo do Maastricht, com seus trabalhadores escravizados

Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!

Nós, trotskistas da FLTI, tínhamos razão. O plebiscito do dia 5 de Julho foi *"uma nova farsa contra os trabalhadores e o sofrido povo explorado grego"* (declaração da FLTI de 3 de julho). Ali dizíamos *"tanto com o SIM como com o NÃO, os que pagam a crise dos banqueiros e das transnacionais são a classe operária grega e européia"*. Nessa mesma declaração afirmávamos: *"O plebiscito é um engano antidemocrático, porque este não é um enfrentamento de um 'programa dos trabalhadores' contra o 'programa dos capitalistas'. O NÃO da Syriza e o SIM da Merkel são duas políticas dos bandidos imperialistas para que seja a classe operária a que pague a crise...".*

Deste modo colocávamos: "*O plebiscito é totalmente antidemocrático e bonapartista. Impõem aos trabalhadores cair na brasa quente da Syriza ou no forno da UE.".*

O que levantou a FLTI/Comitê pela Refundação da IV Internacional? Uma luta implacável contra a farsa e o engano a que foi levada a classe operária grega!

Nossa posição foi: "Abaixo a farsa do plebiscito da Syriza, da Merkel e do FMI!" Que se coloque de pé o poder da classe operária, que existe e vem combatendo com 32 greves gerais!

A vida já deu seu veredito. O plebiscito foi uma farsa para tirar as massas da luta revolucionária nas ruas e preparar sobre elas superiores ataques às suas conquistas.

O plebiscito: Uma verdadeira fraude antidemocrática

Antes do plebiscito, Grécia havia proposto realizar ajustes por 8 bilhões de euros como ponto de partida para negociar um novo resgate de sua dívida. Depois redobrou a aposta. Chamou a um plebiscito que demonstrou ser uma verdadeira fraude. Quando se terminava de contar o último voto do "NÃO", Tsipras, em reuniões com a UE, a Merkel e Hollande, sentou-se para "melhorar sua negociação". Em sua nova proposta depois do referendum, ofereceu imediatamente que os ajustes sejam por 13 bilhões de euros. Propõem reformar o sistema de pensões – o que permite poupar 0,5% do PIB e 1% anual a partir de 2016 - ir subindo gradualmente a idade de aposentadoria aos 67 anos; ir eliminando o subsídio às pensões mais baixas; subir o IVA... isso sim, Syriza anunciava que voltava "combativo" e proclamava que ia subir 2% dos impostos ao empresariado... Uma piada de mau gosto, porque os estaleiros gregos e seus banqueiros no HSBC cobram fora da Grécia e tem suas contas no exterior.

Como vemos nas últimas notícias, este plano fecha se a Grécia, como devedor, dá como garantia aos seus credores todas as empresas públicas, que ficariam hipotecadas. Tsipras dirá "é a melhor negociação que pudemos conseguir".

Falando claramente, o plebiscito de domingo foi uma fraude antidemocrática e um ultimato. Posto que se obrigou a votar somente pelo "SIM" ou pelo "NÃO", quer dizer, pelo plano da Merkel ou pela proposta de negociação da Syriza. Essa é a realidade. As ilusões das massas de que com o "NÃO" se derrotava a Troika e a Merkel, sem derrotar o governo burguês pró-imperialista da Syriza, foi uma farsa estendida por Tsipras e por toda a esquerda reformista mundial.

Um plebiscito no regime burguês é totalmente ditatorial e bonapartista.

Não tem nem sequer um traço de democracia burguesa formal, para que possa ser utilizado a favor dos trabalhadores.

Porque se no plebiscito tivesse votado todo o programa da Merkel ou todo o programa da Syriza, com as reais medidas que este propunha, os trabalharadores... **teriam votado pelo Syriza? Categoricamente não.** Porque o plebiscito obrigava os trabalhadores, como insistimos da FLTI já em nossa declaração do dia 3 de junho, a optar entre as brasas ardentes e o azeite fervendo. Justamente por isso o plebiscito funcionou como uma farsa.

Disso se tratou o referendum: de impedir que as massas retomem a luta para recuperar suas conquistas, que não declarem guerra a seus opressores, e levá-las a depositarem todas suas ilusões em que votando pelo "NÃO" poderia barrar o brutal ataque dos capitalistas, da Merkel, da UE, do FMI... e de Tsipras, um governo representante dos banqueiros imperialistas na Grécia.

A classe operária pode utilizar os parlamentos burgueses como tribuna de denúncia nas fileiras do inimigo e preparar seus combates. Ou, como no caso da liberdade de expressão, para organizar sindicatos, etc. Mas as instituições bonapartistas de domínio da burguesia, como é sua justiça, suas forças policiais, e neste caso os referendos, não podem ser utilizadas pelos trabalhadores, porque são medidas bonapartistas e antidemocráticas, ainda desde o ponto de vista da democracia burguesa formal. **Este plebiscito não foi mais que uma intimação às massas para que se suicidem.**

A discussão entre o "SIM" e o "NÃO" foi uma fraude. Tsipras sempre deixou claro que não estava em questão se a Grécia continuava ou não na UE. Hoje a Syriza pode dizer que sua proposta era "o máximo que conseguiu nas negociações". Insistimos, todos os que colaboraram com esta farsa da Syriza contra as massas, devem explicar a fraude que apoiaram. O parlamento grego está para se reunir, e já ficará clara a fraude do "SIM" e do "NÃO". A direita da Nova Democracia e Syriza votaram pelo "SIM ao acordo de Tsipras e Merkel". E senão, haverá uma nova armadilha: um novo desvio parlamentar para canalizar toda irrupção de massas. E senão, a casta de oficiais do exército grego, integrante da OTAN, virá para por ordem, se a classe operária não impedir.

O plebiscito, com o "SIM" ou com o "NÃO", foi uma armadilha para impedir uma irrupção revolucionária das massas quando a Grécia entrava em *default* e se negociava o resgate da dívida

Comecemos por dizer que a Syriza chamou um plebiscito para fortalecer e legitimar todas as instituições de domínio da classe exploradora na Grécia, ganhasse o "SIM" ou ganhasse o "NÃO".

O governo de Tsipras – que vinha de pagar 7,5 bilhões euros da dívida em um memorando comum com a Merkel - , não chamou a um plebiscito contra si próprio. Syriza não convocou um referendo para ser derrotado e que seu governo caia. E muito menos para chorar, caso ganhasse o "SIM". Nesse caso, teria aplicado a política exatamente igual a que aplica Tsipras, demonstrando que as negociações atrás das cortinas entre as quadrilhas capitalistas da Europa, nunca deixaram de funcionar.

É que com ambas opções, com o "SIM" ou o "NÃO", as instituições burguesas de domínio saíam legitimadas, e isto é o que necessitam em meio da monumental crise política que existe na Grécia. E mais, o parlamento está para se reunir, que dará a legitimidade da lei, demonstrando a fraude da burguesia. Romperão as "alas esquerdas" e as "nacionalistas" com a Syriza, votando contra, mas surgirá uma absoluta maioria do "SIM" e do "NÃO", que vão impor as piores penúrias para as massas. Aquele que não começa levantando isso é um charlatão vulgar que faz tempo deixou de enfrentar o estado burguês e suas instituições.

O plebiscito foi chamado de último momento por Syriza **para evitar uma monumental crise política e uma nova irrupção revolucionária das massas em meio de um possível estouro econômico.** É que no dia 30 de junho vencia o resgate da dívida grega. Grécia entrava em *default*, o que significava uma enorme crise para Europa, seus bancos e seus fundos de investimento de risco, **e para os mesmos parasitas banqueiros gregos e suas transnacionais, que são credores de 128 bilhões de euros da Grécia quebrada.**

Nesta situação, abria-se um caminho para as massas gregas pararem o ataque e irromper novamente com seu combate enfrentando diretamente os grandes banqueiros e parasitas gregos. Isto significava efetivamente ir a um choque inevitável com o governo da Syriza, que vem aplicando os mesmos planos de ataque às massas, que ontem aplicavam Karamalis e depois Papandreu. Quer-se pintar que a burguesia grega se oporia aos tratados de vassalagem que a Europa do Maastricht propõe. Mas, como fica demonstrado nestes 8 anos, todas as frações burguesas e todos seus governos, sempre fecharam fileiras com a Troika – da que são parte – contra os trabalhadores. OS CAPITALISTAS DEFENDEM SEU BOLSO, NÃO A GRÉCIA. Esta última, quebraram e os trabalhadores e o povo pobre, saquearam.

O plebiscito foi para desviar, com uma vil mentira e engano, a perspectiva de luta dos explorados contra seus carrascos, os capitalistas gregos e seu governo, que são os que submetem com triplas cadeias a classe operária grega e as classes médias arruinadas ao Maastricht imperialista.

A esquerda reformista mundial tentou usar este plebiscito contra a Troika. Mas, para falar a verdade, a única que utilizou o plebiscito foi a Troika para ganhar tempo, com Syriza, e atacar violentamente as massas, como está ocorrendo agora. Eles defenderam seus negócios, e a esquerda social-imperialista cuidou muito bem de não defender os interesses da classe operária. É porque não está para isso.

Merkel e Tsipras

Os planos da Alemanha e dos EUA, nos bastidores, frente a Grécia que já faz tempo que faliu

Grécia é um pequeno país imperialista em bancarrota e decadência. Nenhum marxista sério pode ocultar que foi a avançada ianque nas fronteiras com o leste europeu e da ex-URSS, um imperialismo menor intimamente associado à Wall Street, e no terreno militar, à OTAN. O mesmo, quando caiu o leste europeu, tomaram os Balcãs com os ianques.

Mas, de todas as maneiras, querem nos fazer acreditar que um governo burguês "defende a pátria, a nação grega". Isto é uma mentira. E faz tempo, desde o início do século XX, que o estado burguês e suas nações se transformaram em um freio absoluto ao desenvolvimento das forças produtivas. Disso se trata o surgimento do capitalismo em sua fase imperialista.

A burguesia não defende a pátria, mas sim os mercados, as concessões estrangeiras, as fontes de matérias primas e suas zonas de influência. A burguesia nunca defende a pátria pela própria pátria. O capital não tem fronteiras. Quando seus lucros e seus negócios se vêm ameaçados, é derrotista de sua própria nação. Isto é o que acaba de acontecer na Grécia com Syriza e o governo de seus banqueiros e grandes donos de estaleiros. Eles defenderam seus negócios com a UE e Wall Street... e não a Grécia.

A esquerda mundial, em todos os seus matizes, o único que fez foi embelezar as atitudes de uma classe decadente e em bancarrota, que é a burguesia, e o sistema capitalista em putrefação. São os "socialistas" que foram defender a "pátria grega". As frações burguesas que "defendem a Grécia", não são mais que setores burgueses por agora marginais que anseiam sair do euro, não para ir ao dracma, MAS SIM AO DÓLAR, como o Amanhecer Dourado ou os sócios da Syriza no governo dos Gregos Independentes, e até uma ala dentro da Syriza.

Em toda a discussão prévia ao plebiscito, a questão estava mais que clara. A dívida grega não era e nem é cobrável, sem que tire 100% das conquistas do movimento operário e sem expropriar massivamente as classes médias. Isto é uma verdadeira guerra civil da Merkel e da burguesia imperialista grega, não "contra a Grécia", mas sim contra a classe operária e os explorados.

Manifestação pelo NÃO no plebiscito

A partir do dia 30 de junho, a dívida devia ser resgatada ou refinanciada. Em ambos os casos, seria com um brutal ajuste contra as massas. O plano do FMI, que atua como um verdadeiro usureiro, é impor a um país imperialista vassalo como é a Grécia, o plano que impuseram a uma semicolônia como Argentina em 2005, com os Kirchner. Nesse momento então converteram uma dívida incobrável em cobrável, com suculentos juros, que já cobraram e colocaram nos bolsos. Essa era uma variante que estava na mesa das negociações secretas das quadrilhas imperialistas. Em última instância, este resultava ser o plano "mais suave" para a Grécia. Disso se trata a política dos EUA, que com a banca Morgan e a Goldman Sachs já têm assegurado a cobrança de seus créditos à Grécia com base em uma porcentagem dos impostos às exportações e às importações, e aos cassinos. Os EUA buscam que seja Alemanha a que "faça o trabalho sujo" contra a Grécia, para que mais e mais, com futuras crises, a traga para baixo de sua ala. E enquanto isso espera.

Mas o plano que se impôs e a verdadeira negociação que se realizou, é a que propunha abertamente a UE, com Alemanha à cabeça. A Alemanha tem seu banco central cheio de bônus lixo da dívida grega. Por isso a proposta e a exigência alemã partem de dizer que "não é o momento de fazer nenhuma concessão". Ainda que os gregos encham as urnas com 100% de votos pelo "NÃO", Alemanha, como credora, quer ficar com todos os bens de seu devedor. Assim atuam os capitalistas como credores diante de seus devedores: **ou se refinancia a dívida para que o credor ganhe como usureiro e ao longo disso consiga cobrar, ou bem, o credor fica com o controle absoluto da empresa em quebra para garantir a cobrança. Deste último se trata a proposta do maior credor da Grécia, que é Europa, e Alemanha em particular.** Como já dissemos, o Bundesbank está cheio de bônus lixo da Grécia, por valores de 50 bilhões de euros. Têm que voltar a valorizá-los, ou senão o estado alemão terá que colocar euros frescos em seu banco e não está disposta a fazê-lo.

Por isso lhes foi insuficiente a proposta que a Syriza fez depois do plebiscito, de fazer ajustes por 13 bilhões de euros, subindo a idade de aposentadoria e o IVA, reduzindo pensões, etc. Isto não é suficiente para a Alemanha valorizar os bônus lixo. A Alemanha exige passar todos empregados públicos à disponibilidade, para jogá-los no lixo, se os juros não conseguem ser pagos, e **colocar todas as empresas públicas da Grécia como garantia de sua dívida e ficar com uma enorme porção (25%) dos fundos que a UE coloque para o resgate da dívida.**

Todo aquele que siga as imposições de hoje da Merkel e o servilismo de Tsipras, verá que são propostas que a Alemanha impõe para revalorizar os títulos da dívida externa grega e seus bônus lixo que têm no Bundesbank.

Os banqueiros gregos querem também uma pequena parte para eles, como contrapartida de levar a Grécia à vassalagem. Estes bandoleiros propuseram a Alemanha e à UE o seguinte negócio, pelos 80 bilhões de euros aos quais se resgatará a dívida grega: 25% o que empresta Europa e Alemanha é para que a Grécia pague sua dívida. Quer dizer... vai para o Bundesbank. O outro

Reunião de toda a "Troika"

25% é para "investimentos produtivos" das transnacionais europeias que farão negócios na Grécia e toda Europa. E 50% restantes estão destinados a recapitalizar os bancos da Europa e da Grécia, para que possam liberar o "corralito". Assim os banqueiros gregos também mordem uma parte do resgate, depois de ter quebrado com sua crise, todas as finanças do estado. Tsipras apoia.

Toda a crise serão as massas que pagarão. Elas permitirão que passe o plano das quadrilhas imperialistas do Maastricht e dos parasitas da burguesia grega? Isto ainda esta por ver-se.

As verdadeiras divisões e crises políticas na Europa do Maastricht e nas quadrilhas capitalistas gregas é até onde estas últimas mantêm, ainda que não seja mais que isso, uma porção menor de seus negócios ante a quebra, enquanto medem até onde poderão fazer as massas pagarem pela crise; até onde este plano acordado entre a Merkel e Tsipras pode ser imposto, sem que seja o parteiro da revolução grega; até onde o engano do plebiscito desorganizou e desmobilizou as massas; até onde os explorados estão tirando as lições revolucionárias deste duro ataque e engano de seus opressores.

A última palavra não está dita. Isto se define e se definirá nas ruas, na luta de classes... não nas urnas, nem nas eleições secretas dos banqueiros imperialistas.

Os credores da Grécia atuam tal qual um capitalista credor de seu devedor.
No sistema capitalista, tanto para os credores como para os capitalistas em quebra, a crise quem paga são sempre os trabalhadores. Disso se trata o plano Merkel-Tsipras

---

Falemos claramente. A Alemanha se comporta ante a Grécia, em grande escala, com a essência da mecânica das relações que os capitalistas estabelecem quando sua concorrência quebra ou se funde.

Quando uma empresa quebra, os patrões não pagam a crise. Nem os credores, nem os devedores. Estes últimos, também ficam com dinheiro no bolso. Os patrões se enganam entre si. Mas os que pagam a crise são os trabalhadores com demissões, com fome, com fechamento de fábricas... com perda de todas as conquistas. Assim funciona o sistema capitalista, que não é uma sociedade de beneficência.

O governo da Syriza é como o diretório de uma empresa menor quebrada, que seria a Grécia. Existe um diretório. Este diretório tem um presidente – que todos tentam esconder – que é da Nova democracia, a "direita grega". Este presidente foi votado por todo o diretório no parlamento, começando pela Syriza. Neste diretório também existem ministros do partido gregos Independentes, uma ruptura de direita do partido Nova Democracia.

Para enganar os trabalhadores, nesse diretório burguês está a Syriza. Nesta Grécia quebrada, e com seus trabalhadores sublevados durante anos, o diretório colocou como "gerente executivo" da empresa um gerente de "esquerda" (Tsipras), para enganar os operários antes que estes expropriem a fábrica, como a classe operária grega ameaçava fazer com sua luta revolucionária. Para que o diretório burguês de uma empresa – ou um governo burguês – nomeia um gerente executivo de esquerda? Para fazer que os operários acreditem que o diretório de sua empresa é seu aliado contra o credor. Neste caso, Syriza seria o "grande aliado das massas contra a Troika". Ou bem, se os operários se mobilizam, podem conseguir que seu "amigo", o diretor de esquerda, pressione melhor o credor para que não tire as conquistas dos operários.

Isto é um engano brutal. É o que a "nova esquerda" quer fazer que a classe operária na Grécia e a nível mundial acredite. O sistema capitalista não funciona assim. O maior inimigo de um diretório, seja uma empresa em bancarrota ou em expansão, sempre são os trabalhadores. Aquele que não fala isso com claridade, mente para as massas, como veio fazendo toda a esquerda a nível mundial com Syriza, a pata esquerda do governo burguês grego.

É que a empresa quebrada só saldará sua crise atacando todas as conquistas da classe operária, ou bem fechando e quebrando, pagando os credores, ou fazendo que o estado lhe pague, colocando eles sua dívida no bolso. Isto é o que está acontecendo hoje na Grécia.

Para que fique claro, o governo grego, como qualquer diretório de uma empresa quebrada, não funciona pensando em seus trabalhadores. Intervém defendendo seus lucros e seu futuro a custo dos trabalhadores. Seu aliado é o credor, ainda que este o tenha colocado uma corda no pescoço. Seu inimigo são os trabalhadores, os que devem pagar sua crise ou ser despedidos quando o capitalista arremata seus bens, não precisamente porque esteja em crise, mas sim, para ir descansar em algum lugar muito tranqüilo.

Qualquer operário sensato pode entender isso. O papel da esquerda reformista, que impulsiona uma política de colaboração de classe, é apagar as fronteiras de classe e fazer passar os inimigos dos trabalhadores gregos – como é a Syriza – como seus aliados. Isto é uma infâmia. Isso é o que está acontecendo de forma aguda na Grécia.

Não nos cansaremos de insistir. Tsipras está atuando como o que é, um governo burguês cheio de banqueiros parasitas e de donos de estaleiros sócios da Goldman Sachs, mas com seus negócios enraizados na Europa sob o comando industrial e comercial da Alemanha. **Tsipras não é um louco, nem uma panqueca que deu a volta, nem um homem fora de controle.** Ele não está "traindo" sua classe, quer dizer, os capitalistas.

É leal a eles, porque é um deles. Esta atuando como o diretor de uma empresa quebrada, discutindo com seus credores como melhor arrebentar seus trabalhadores e cobrar eles mesmos tudo o que fique de valor do capital quebrado. Ele defende seus negócios, seu mercado, seu lugar na divisão mundial do trabalho na qual Grécia está colocada hoje na Europa do Maastricht. Isso faz Tsipras com a Merkel, e muito bem. Cada um defende seus interesses. Os que não podem fazer, pela direção que têm a sua frente, são os trabalhadores.

O plano imposto pela Alemanha e a Europa imperialista para Grécia é o plano para que toda a classe operária europeia e alemã em particular, pague a crise do capital financeiro

Alemanha sabe e entende perfeitamente as condições da economia e da política mundial, e o porquê de manter-se inflexível frente à Grécia, como o fez. Busca escarmentar, não a "Grécia", mas sim o movimento operário grego, europeu e alemão em particular. A política patriótica e pró-burguesa da esquerda encobre, em última instância, a verdadeira política imperialista contra os trabalhadores europeus.

A Europa em bancarrota necessita, para as que imensas massas de capitais e bônus lixo que tem os bancos voltem ao processo produtivo, um movimento operário nos países imperialistas sob as condições que Merkel e Tsipras querem impor à classe operária grega.

Se Alemanha e Tsipras conseguem impor este plano, todos os capitalistas europeus e suas potências imperialistas se colocarão de pé e aplaudirão. Um movimento operário grego sem aposentadoria, sem hospitais nem escolas públicas, com desempregados morrendo de fome nas ruas, como um exército industrial de reserva barato, sem seguro social, com o salário afundado, com centenas de milhares de trabalhadores do estado despedidos, é seu sonho dourado. Até este ponto buscam levar a classe operária grega... alemã, francesa, inglesa, espanhola. O que a Alemanha e o governo da nova "dama de ferro" - a Merkel – dirão para sua classe operária? "Abaixo seus salários, reduzo suas pensões, acaba-se a saúde e a educação gratuitas... e se vocês se sublevam, vou com meu capital investir na Grécia, onde a mão-de-obra está sendo doada". Está em jogo a vida da classe operária alemã em parar este ataque a seus irmãos de classe da Grécia. O plano imposto pela Alemanha e a Europa imperialista para a Grécia é o plano para que toda a classe operária européia e alemã em particular, pague a crise do capital financeiro.

Aqui não existe um "plano de resgate" da Grécia. Aqui o que existe é um plano de ataque a classe operária grega, para impor essas condições a toda classe operária européia e alemã em particular.

A Alemanha necessita derrotar sua própria classe operária, porque a crise e o crack europeu, que já estão aqui, e também a enorme concorrência com EUA, que luta para entrar na Europa do Leste e disputar o controle das fontes de matérias-primas e do aparato militar russo. Os ianques, com a OTAN, já pisaram na Ucrânia. Começou a prender a Alemanha. A Merkel não pode fazer concessões. Precisa redobrar o ataque contra sua classe operária.

Syriza e seu governo burguês "não traíram"... foram leais a sua classe: a burguesia, os capitalistas e seus banqueiros, que junto à Troika são os credores da dívida grega, que os trabalhadores pagam
Quem capitulou foi a esquerda reformista que chamou a confiar na fraude do plebiscito

Syriza "traiu", "capitulou", "ludibriou o povo", diz agora a esquerda rasgando as roupas, tal qual uma pessoa enganada. **Em todo o caso, eles se deixaram enganar. E ajudaram Syriza a enganar o povo.** "Mas Syriza traiu", seguem choramingando, quando no dia seguinte do plebiscito apresentou um acordo de vassalagem à UE como ponto de partida para negociar um ataque ainda maior contra os trabalhadores gregos. Já falam de "golpe de estado". É que, como já vimos, Alemanha exige novas garantias para o resgate de 80 bilhões de euros da dívida grega: todas as empresas estatais da Grécia. Estas ficariam hipotecadas e intocáveis se o credor, neste caso Alemanha e a UE, não o autoriza.

Isto é o que faria um credor com uma empresa quebrada devedora. Se emprestar dinheiro para continuar funcionando, exige que coloque as máquinas, os títulos e bens como prenda ou hipoteca em nome do credor pelo dinheiro que recebe. Isso é o que Alemanha está impondo, mesmo depois do plebiscito. Os credores querem cobrar. Mas também, o diretório em quebra quer cobrar o que colocou na empresa. Põe tudo como parte do pacote da dívida. Hipoteca as máquinas e põe os operários a produzir. Acabou-se as conquistas, as férias, a jornada trabalhista de 8 horas... demite-se a metade e "já a produzir!". Isto é o que Syriza está fazendo.

Em grande escala, assim funciona o sistema capitalista. Nesse caso, as potências imperialistas menores, os PIGS do Sul da Europa, perderam com seus banqueiros na crise de Wall Street, centenas de milhões de dólares. Os estados salvaram o dinheiro dos banqueiros. O diretório da empresa quebrada tem dinheiro no bolso. Quebraram os estados. E agora, tem que matar o povo de fome para pagar uma dívida incobrável.

Não nos cansaremos de repetir. Syriza não "traiu" a classe que representa, com a que governa e administra os interesses de toda a burguesia grega e o imperialismo europeu. Foi leal à burguesia e à UE, da qual o capital grego é parte. Entre eles têm disputas, brigam pelos negócios... as vezes aos tiros. Mas todos têm claro que seu inimigo são os trabalhadores. As quadrilhas imperialistas mais fortes espancam as menores, as colocam de joelhos, as submetem. Tomarão sua zona de influência e de pilhagem. Grécia não faria outra coisa se fosse credora da Alemanha. E mais, isso fizeram a Alemanha depois das duas guerras mundiais. Na primeira impuseram o Tratado de Versalhes, a partir do que teria que pagar todos os gastos militares de seus vencedores: Inglaterra e França. Esta última, em meados dos anos 20, entrou com seu exército e tirou da Alemanha todas as vias férreas e os trilhos para reconstruir a França. Entre os capitalistas não se anda em círculos. O que perde, paga. Justamente este tratado de Versalhes foi o que abriu o caminho para o fascismo nos anos 30, para voltar a levantar a grande Alemanha humilhada.

A isto se aproxima perigosamente Grécia hoje, se seu governo consegue derrotar os trabalhadores e se impõe um novo "Tratado de Versalhes". O Amanhecer Dourado hoje é ignorado por toda a esquerda reformista, quando é o garrote fascista disposto a esmagar os trabalhadores com a mentira e o engano de "acabar com a vassalagem da Grécia". Com a classe operária grega esmagada, os banqueiros deste país, sócios da Goldman Sachs, estarão prontos para qualquer aventura contrarrevolucionária no mundo semicolonial e no Leste europeu que mandam seus chefes da OTAN e de Wall Street.

A alternativa, como dissemos, é o caminho da revolução socialista ou o fascismo. Para esta grave crise e ataque dos capitalistas, nem a Syriza, nem a burocracia sindical traidora do PC, nem os renegados do trotskismo e suas "novas esquerdas" no mundo, prepararam a classe operária.

O crack grego e a crise da bolsa chinesa anunciam a ruptura novamente do equilíbrio da economia mundial
A "nova esquerda", um reformismo sem reformas

Apesar do que pense o reformismo sem reformas, **não há harmonia entre as potências imperialistas nesta época agônica do capital.** Umas potências vão bem, se as outras vão mal. Neste caso, EUA, Alemanha e em menor medida França, estão bem a custa da crise e do desastre das demais.Não há lugar para todos no saqueio do mundo, quando o mercado se encolheu e o crack já está aqui.

O EUA jogou toda a sua crise no mundo e com o estouro de Wall Street deixou toda a Europa em bancarrota. Insistimos, não há desenvolvimento harmônico do sistema capitalista em sua época imperialista, como pinta toda a esquerda reformista. Nem muito menos a classe operária pode melhorar seu nível de vida dentro deste sistema, pressionando os parlamentos burgueses, ou colocando em pé políticas de colaboração de classes com os patrões "progressistas" e "democráticos". Toda a crise recai sobre a classe operária. E por isso o 1% do planeta ficou com 50% dos bens da civilização humana. Esta fábula fala da Grécia.

A crise grega, está vez se alinha com a quebra da bolsa chinesa, que preanuncia que o estancamento de sua economia é produto de uma nova relocação das transnacionais, a zonas do planeta onde a mão-de-obra é mais barata. É o indício de que o capital está saindo do processo produtivo, onde houve queda da taxa de lucro. Bancos paralelos a banca oficial e sem controle, deram créditos a 90 milhões de pensionistas para que invistam na bolsa em uma bolha imobiliária, que já não encontra compradores.

Os bancos têm que sair com seus fundos, como garantia de afundamento das ações das empresas transnacionais desvalorizadas. Assim os bancos se endividam e o estado chinês começa a dilapidar suas reservas. O cão morde seu próprio rabo. O parasitismo se desenvolve em altíssima velocidade nessa "economia pujante". A "China locomotiva" vai ter que jogar o papel que EUA, o imperialismo dominante no Pacífico, lhe assinalou: não de exportadora, mas sim de compradora da superprodução das transnacionais. O plano de semicolonização da China começou.

Mas todo o pesadelo pode piorar. A crise europeia limitou ainda mais a capacidade de exportação da China. Os apologistas do capitalismo já davam por superada a crise de 2008. É que as direções do proletariado deram um respiro, estrangulando a onda de ofensiva revolucionária das massas.

Os estados imperialistas socorreram seus bancos quebrados. Só os mais fortes conseguiram absorver capitais do mundo, como fez EUA para cobrir seu enorme déficit, ou sustentar a si mesma, como a poderosa economia alemã. A maioria dos estados imperialistas quebraram. Jogaram toda sua crise nas massas e no mundo, ou bem, encheram-se de bônus lixo, que revalorizaram como na Grécia, transformando-a em vassala ou multiplicando o saqueio do mundo semicolonial. Mas de novo a realidade bate à porta. O capitalismo não destruiu o suficiente para se recuperar do crack de 2008. O *default* e bancarrota Grega, e a quebra da bolsa chinesa anunciam um novo marasmo da economia mundial, que fará os imperialismos dominantes colocarem as garras de fora para não permitir que a crise os toquem.

Mas, o que é mais grave ainda. A burguesia sabe perfeitamente – e a Merkel sabe do que se trata – que para cobrar sua devedora Grécia, e para que esta volte a crescer para pagar a dívida, não basta uma "quitação". Seu plano é terminar de tirar todas as conquistas da classe operária grega, para transformar a Grécia em uma maquila, seja uma grande tentação e um grande negócio.

E pensar que a esquerda reformista disse às massas que se podia pressionar o imperialismo, em estado de crise e crack, com um plebiscito e votando pelo "NÃO".

Mas aqui a questão é que os banqueiros e os capitalistas gregos não estão quebrados. Eles, quebrando o estado grego, já cobraram todas suas perdas de 2008, e voltaram a se associar – ainda que em um grau mil vezes menor – com o capital financeiro alemão e norte-americano. A partir de agora, só se trata de que o povo pague. Sem revolução proletária não haverá saída para a classe operária e o povo grego. Tudo o demais é uma vulgar mentira.

Obama junto a Xi Jinping, presidente da China

A "nova esquerda" não é mais que um reformismo sem reformas. O segredo-encanto da Syriza não durou nem 4 meses nas massas. A "nova esquerda" terá que olhar-se nesse espelho. Seus chefes, os banqueiros imperialistas, farão jogar seu papel rapidamente chocando com a classe operária mundial. Será o sistema capitalista mundial em bancarrota o que não dará paz nem sossego ao reformismo.

O que a "nova esquerda" reformista não diz é que Grécia não tem solução para os trabalhadores se estes não tomam o poder

Em toda esta discussão sobre a questão grega, já se escreveram rios de tinta. Mas o que o reformismo não diz é que Grécia não tem solução para os trabalhadores se estes não tomam o poder. Essa é a tarefa imediata levantada há 8 anos diante do crack e da bancarrota. O que vão fazer os operários? Greves gerais por aumento de salários e das pensões, quando existem milhões de demitidos, 25% de desemprego, fechamento de escolas (fecharão mais de 1.000) e de hospitais (que já fecharam 54 de alta complexidade)?

A luta política das massas para derrotar o regime infame da Troika, que governa Grécia já faz tempo, é a única forma possível de combate dos explorados. A luta econômica já não tem solução imediata, se não se eleva à luta política e se as massas não derrotam e tiram o regime e o governo das classes dominantes. As condições para a revolução socialista na Grécia estão muito mais que maduras, estão apodrecendo e se descompondo abertamente.

Os "modernos esquerdistas", que não são mais que um rejunte de velhas receitas da velha esquerda, escrevem rios de tinta sobre a analogia com a Argentina de 2001, sobre as "implicâncias econômicas da ruptura da Grécia com a UE", da "diferença entre Grécia e Argentina, porque esta última têm enormes fontes de matérias-primas para a exportação"... são milhares de estupidezes dessa esquerda, seguindo os charlatães dos políticos burgueses e seus jornalistas. Mas todos querem ocultar sob sete chaves a verdadeira questão da Argentina de 2001, que foi seu grito de guerra: **"Que se vão todos, e não fique nenhum!"**. Na Argentina havia começado a revolução, e o presidente, De la Rua, teve que ir de helicóptero da casa de governo, ante os combates nas ruas e o surgimento embrionário de organismos de autodeterminação das massas, que derrubaram cinco presidentes em uma semana.

Mil e uma vezes os explorados gregos tentaram tomar este caminho. Inclusive levantaram o grito de "que se vão todos, e não fique nenhum" chocando contra todo o parlamento burguês e o então governo de Papandreu, a quem diziam "vai te acontecer o que aconteceu a De la Rua". Estas enormes lutas foram mil e uma vezes traídas pela burocracia dos sindicatos dirigidos pelo PC e pela "nova esquerda" da Syriza, sustentada pelos renegados do trotskismo.

Já ficou mais que claro que a única forma de colocar um limite a este brutal ataque, é com um levantamento revolucionário das massas e derrotando nas ruas o governo e o parlamento dos banqueiros parasitas e dos donos de estaleiros da Grécia. Que comece a revolução! Lugar aos conselhos de operários e soldados!

Disso se tratou o plebiscito, de impedir mais uma vez uma crise nas alturas que permita uma ação independente decisiva das massas gregas, que não deixe pedra sobre pedra deste regime infame da Troika na Grécia e seu governo antioperário.

Depois de tantos anos, alguns "esquerdistas" riem quando falamos de conselhos de operários e soldados na Grécia. Mas por dentro batem os dentes. Causa lhes pânico. É que se estes organismos se desenvolvem e se estendem, seus dias como direção da classe operária grega estarão contados.

Querem que acreditemos que a luta começou com o "NÃO" do plebiscito da Syriza. Mas desde 2008 a classe operária e a juventude rebelde da Grécia fizeram 32 greves gerais, combates de barricadas, tomadas de fábricas, tiraram a burocracia dos sindicatos em cidades inteiras, como na Tessalônica, expulsavam os burocratas sindicais das mobilizações... chocaram com a burocracia dos sindicatos e suas bandas armadas, quando estas defendiam o parlamento de Papandreu que votava os piores ataques contra as massas.

Com a juventude rebelde e seu comitê de autodefesa, defenderam os imigrantes dos espancamentos das bandas fascistas. A classe média arruinada do campo foi vender diretamente seus produtos na cidade, para romper a cadeia de distribuição que encarecia suas mercadorias, para que o povo pudesse comer. A aliança operária e popular estava ao alcance da mão e ainda está, diante das poupanças das classes médias arruinadas, que estão sendo expropriadas com o "corralito". A juventude colocou seus mártires, como Alexis Grigoropulos – fuzilado pela polícia assassina de Karamalis – e Pavlos Fyssas, assassinado pelas bandas fascistas do Amanhecer Dourado.

Então, aqui os que capitularam são os que se submeteram ao plebiscito e embelezaram pela esquerda a Syriza. Quer dizer, os que fecharam novamente o caminho revolucionário para a classe operária grega.

Capitularam aqueles que envenenaram a consciência de milhões de trabalhadores no mundo, despertando ilusões de que Syriza iria enfrentar a UE, e que isso se impunha com 60% de votos pelo "NÃO" nas urnas. Mentira! Os capitalistas não são pressionados com votos! Seu ataque só pode ser parado pela classe operária com sua luta revolucionária. São eles ou nós, a classe dos capitalistas ou os trabalhadores.

Capitularam aqueles que fizeram crer à classe operária grega e mundial que com as urnas da Alemanha, a chefe das potências imperialistas europeias, com o Bundesbank cheio de bônus lixo da dívida grega, ia se assustar e declarar *default a* seus bancos.

Capitularam aqueles que tentaram convencer os explorados de que os banqueiros gregos estavam enfrentando a UE, quando a grande Alemanha atua como o que é, a grande potência imperialista dominante na Europa, junto aos EUA, e Tsipras também atua como o que é: um sócio menor do capital financeiro internacional, que se arrasta diante dele.

Aqui se trata de parar a UE, o Maastricht imperialista, o FMI e a cínica burguesia grega, colocando o pé no peito dela e colocando-a de joelhos. Isso não se faz com votos, mas sim com a luta revolucionária das massas.

A sorte das massas só pode se definir a seu favor com um governo provisório revolucionário de operários e soldados, sobre a ruína do estado burguês. Tudo, além disso, é um vulgar engano aos explorados. É fazer com que as massas acreditem que nas eleições e com 60% - ou 100% - dos votos pelo "NÃO" pode-se barrar o FMI, o Maastricht imperialista, os parasitas gregos e a Alemanha, que invadiu duas vezes a Europa e desatou duas guerras mundiais para ter uma zona de influência no velho continente. Isto, mais que uma mentira é uma tragédia, com a qual a classe operária grega está fazendo rapidamente uma experiência.

O governo da Grécia: Kammenos de Gregos Independentes, Tsipras e o presidente Pavlopoulos da Nova Democracia

. **Para parar a Troika deve-se derrotar, em primeiro lugar, o governo grego porque o inimigo está em casa.** Não se faz isso submetendo a classe operária a seu carrasco: a Tsipras e a classe que este representa.

Devia e deve-se dizer a verdade. Parar os padecimentos inauditos das massas gregas, a Troika e os parasitas do imperialismo grego, não se consegue com votos, mas sim com a luta revolucionária das massas da Grécia e de toda Europa.

Para isso, o primeiro passo para tirar as massas do lamaçal que Syriza as levou, é desenvolver uma luta decidida pela ruptura dos explorados com esse governo burguês imperialista. O combate não pode ser outro que o de lutar para marchar a colocar decididamente nas ruas o poder da classe operária, o dos sindicatos, dos comitês de fábrica, os comitês de desempregados, os da juventude rebelde e das classes médias arruinadas. Deve-se colocar de pé os comitês de autodefesa e as milícias operárias, começando por lutar pela liberdade da juventude rebelde grega que teve a valentia de enfrentar as bandas fascistas, que agora se multiplicarão por mil.

Basta já de plebiscitos bonapartistas! Lugar à democracia direta dos de baixo! Que se vão todos, e que não fique nenhum!

Abaixo o pacto de Merkel-Tsipras!

Desconhecimento de toda dívida externa, contraída pelos banqueiros parasitas gregos!

Anulação e cancelamento de todos os convênios e acordos secretos da Grécia com a Branca Morgan, Goldman Sachs, Wall Street e o FMI!

Expropriação sem pagamento dos banqueiros e banca estatal única! Expropriação sem indenização e sob o controle operário das transnacionais dos donos de estaleiros e de todo o capital financeiro grego!

O choque entre as classes é inevitável. A burguesia também se prepara energicamente para estes choques. Seja com Syriza ou todas as frações burguesas no parlamento para que votem como lei os acordos com Alemanha e a UE; ou bem indo a novas eleições com Syriza desgastada, com as massas desmobilizadas e reconstituindo um poder reacionário, assentado em forças contrarrevolucionárias para disciplinar os explorados. Estas variantes são as que já estão sendo manejadas pela burguesia grega.

Revolução Argentina de 2001

Insistimos, os choques são inevitáveis. Já não há margem para concessões. O reformismo não pode regular nenhuma reforma, salvo ser abertamente a garantia do negócio dos capitalistas. Syriza tirou sua máscara ante as massas.

A burguesia busca definir esse choque a seu favor, com duros golpes contrarrevolucionários e com fascismo. É que se arrancou e se tentará arrancar até a última gota de sangue e suor da classe operária grega, e para isso estão preparando uma dura derrota. **O governo da Syriza e seu plebiscito foram um "canto de sereia", para que as massas colidam contra o golpe dos banqueiros gregos e da Merkel, a "dama de ferro", a chefe da UE junto aos ianques.**

É mentira que o que houve na Grécia foi um "golpe de estado". O que houve foi um agrupamento das forças imperialistas do Maastricht e seu governo na Grécia contra as massas, contra a classe operária. Aqui ninguém derrotou Syriza. Aqui Syriza, com seu governo burguês, tenta propinar um duro golpe à classe operária grega.

O que vem é demissão em massa dos empregados públicos, perdas das aposentadorias, de salários, de postos de trabalho... ainda mais sacrifícios inauditos dos que as massas já sofrem.

O reformismo preparou a classe operária para uma luta de pressão, com votos em urnas, para "barrar a ofensiva do grande capital". Este tirou o seu chicote, e disse "assim se resolve esta questão". Disciplinou seu agente Syriza e a Tsipras, e o mandou atacar a classe operária grega abertamente.

O que esperavam os que hoje vêm os dias passarem depois do plebiscito, e mais e mais Syriza acorda com a Merkel um ataque cada vez maior contra os trabalhadores gregos? O que esperavam com o triunfo do "NÃO"? Que Syriza, pressionada pelas massas e pelo voto "NÃO", exproprie sem pagamento os banqueiros gregos e os grandes donos de estaleiros imperialistas, para recuperar o roubo destes ao povo grego?

Esta é uma vulgar mentira e um crime político. Porque o verdadeiro programa para a Grécia de toda esquerda foi e é "unidade de ação com Syriza e o governo grego para pressioná-lo para que enfrente a Troika imperialista". A burguesia não se pressiona. Ou a coloca de joelhos, ou ela esmagará os trabalhadores. Somente entrega alguma concessão quando está a ponto de perder tudo, e não era e nem é essa a situação criada pelo plebiscito, mas sim todo o contrário.

O único caminho... retomar os combates de 2008

Que a faísca de Atenas volte a incendiar a Europa! Deve-se derrotar o pacto de fome e escravidão da Merkel-Tsipras contra a classe operária grega e de toda Europa!

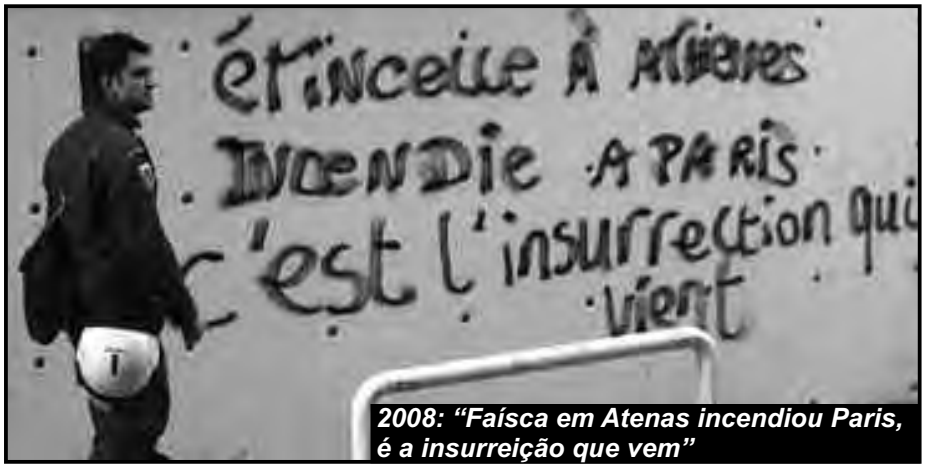
O combate é classe contra classe!

Dissolução do parlamento fantoche dos banqueiros imperialistas! Greve geral revolucionária! Que se vão todos, e que não fique nenhum!

Abaixo a Europa do Maastricht da Merkel e dos banqueiros gregos! Fora o FMI! Lugar à revolução!

Quando editamos esta declaração o parlamento grego está a ponto de se reunir, e vai consagrar o pacto da Merkel e Tsipras contra os trabalhadores e o povo.

O ataque à classe operária grega, por parte da Merkel e Tsipras, É UM ATAQUE A TODA CLASSE OPERÁRIA EUROPEIA. Os tarifaços, o aumento do IVA, o ataque às aposentadorias, a disponibilidade dos empregados públicos e a flexibilização trabalhista que querem impor na Grécia, se passarem ali, vai aprofundar contra toda classe operária. Só assim vão reconstituir a Europa de sua bancarrota atual.



2008: "Faísca em Atenas incendiou Paris, é a insurreição que vem"

Esta ofensiva contra os trabalhadores do velho continente começou faz tempo. Toda a crise do Maastricht em bancarrota foi descarregada sobre os operários da Europa imperialista e da Europa maquila do Leste. São as mesmas garras da Alemanha, do imperialismo ianque, da grande Inglaterra e França, entre eles, as que esmagam a classe operária ucraniana e massacram os mineiros da Donbass. Estes resistem heroicamente, junto à classe operária de Kiev, um ataque da mesma magnitude do que os operários gregos sofrem, e que se aprofunda em todos os países europeus.

Não é somente Grécia a que esta em bancarrota, mas sim toda Europa imperialista. O crack mundial começou na casa dos chefes das quadrilhas imperialistas, EUA, que esta jogando toda sua crise e milhares de toneladas de bônus lixo ao mundo, e à Europa em particular.

A "nova esquerda" e seus porta-vozes em todo o mundo, disseram que o verdadeiro choque e enfrentamento que está colocado é "entre a Grécia oprimida", e a "Alemanha imperialista". Assim obrigaram a classe operária de toda a Europa a colocar-se no terreno de "blocos", no "bloco progressivo" da Grécia, contra o "bloco regressivo" da Alemanha. Desta forma submeteram cada classe operária a sua própria burguesia imperialista, e a alemã e grega em particular.

Isto é uma farsa. Apresentaram a luta atual não como um combate da classe operária da Grécia e de toda Europa contra o Maastricht imperialista, a Merkel e o governo grego. Na realidade, estamos diante de uma verdadeira guerra de classe dos explorados de toda Europa, contra os governos e regimes imperialistas. A "nova esquerda" levantou todo o contrário, e assim, isolou a classe operária grega de seus irmãos de classe da Alemanha, quando é justamente ali onde se para o ataque contra a classe operária grega e europeia. Esta é a tragédia atual da classe operária europeia. A faísca de Atenas ontem incendiou toda a Europa. A política da esquerda reformista socialimperialista foi e é, de molhar a pólvora para que essa faísca nem sequer acenda na Grécia.

Contra esta política de "blocos", de "Grécia contra Alemanha", que a Syriza e a "nova esquerda" impulsionam, na Grécia toda a política revolucionária passa por levantar com clareza que: **o inimigo está em casa! Assim como o esta para a classe operária alemã, francesa e inglesa. Esta é a única possibilidade de conquistar a unidade da classe operária europeia.**

Para a Merkel, sugando a burguesia imperialista grega, na derrota do proletariado grego, estão as condições para derrotar o proletariado alemão. Este, aferrado pela socialdemocracia, pelo stalinismo, e pela ameaça do crack, ainda não interveio de forma decisiva. O imperialismo alemão foi regulando a crise. Mas se o ataque na Grécia passa, a Merkel voltará todas suas forças para chocar contra a classe operária alemã, como também farão França, Inglaterra e todas as potências imperialistas.

Na Grécia, a tarefa imediata é a revolução socialista. E na Alemanha e o resto da Europa imperialista, a primeira tarefa para libertar-se do jugo dos capitalistas, é parar e derrotar o ataque da Merkel e do Maastricht imperialista contra a classe operária grega.

Novamente, o grito de guerra é: o inimigo está em casa!

Para impedir isso vem à tona o nacionalismo das potências imperialistas, destilado pelas aristocracias e burocracias operárias do velho continente. Trata-se de quebrar a unidade da classe operária e desenvolver o pior dos chauvinismos no movimento operário. Insistimos, esse é o papel de uma poderosa aristocracia e burocracia operárias, como são os partidos socialimperialistas e as burocracias sindicais, que são os encarregados de submeter a classe operária a seus carrascos.

A verdadeira política da burguesia alemã é fazer que sua classe operária acredite que a causa de suas desgraças são os "vagais" da classe operária grega... e vice-versa, que os culpados das misérias da classe operária grega são os trabalhadores alemães.

"O inimigo está em casa!" é a única política possível para abrir o caminho à vitória da classe operária europeia.

"O inimigo está em casa!" significa que a classe operária grega e alemã não tem nada a ganhar com os governos da Syriza e da Merkel, mas sim tudo a perder. Faz tempo que a classe operária alemã perdeu suas 36 horas de trabalho semanais, e 25% de seu salário. Faz tempo que existem as condições para que se una com a castigada classe operária grega e europeia. As direções chauvinistas e socialimperialistas são as que impedem.

A esquerda grega e seus chefes no mundo nos colocam – e sua subordinação ao plebiscito revela isso – que seu programa é "junto com Syriza, derrotemos a Troika, e depois saldaremos contas com o governo burguês grego". **Isto é, colocar a classe operária grega na corda de seu carrasco, e separá-la de seus irmãos de classe da Alemanha, França, Inglaterra e de toda Europa. É que é impossível começar a derrotar o Maastricht e a Troika, sem o triunfo da revolução socialista na Grécia. Tudo além disso é uma vil mentira.**

A "nova esquerda" está armada com velhas receitas, as pseudoteorias e programas traidores do velho stalinismo: "Vamos com o imperialismo progressivo, atacado pelo imperialismo agressor". Fizeram isto ontem, na Segunda Guerra Mundial com Inglaterra e França contra Hitler; e hoje fazem com a "Grécia agredida", contra a "Alemanha opressora". Submetem a classe operária aos "imperialismos democráticos" ou em desgraça dizendo que, na segunda etapa, faziam "a revolução"... mas sempre estão grudados nas barras de alguma quadrilha imperialista. Assim preparam as piores derrotas para a classe operária.

É imprescindível dizer a verdade para os trabalhadores. A luta pelo desconhecimento da dívida externa da Grécia é a luta pela expropriação sem pagamento dos banqueiros e das transnacionais gregas, que como sócias do capital financeiro europeu e norte-americano são os que a criaram e enganaram o povo. Este é o único programa que, ao romper com o chauvinismo, abre as condições para conquistar a unidade da classe operária grega com seus irmãos da Europa. Isso abre caminho a derrota do Maastrchit imperialista e à revolução socialista europeia.

Os plebiscitos, o submetimento aos cantos de sereia da Syriza e todos seus enganos não são mais que um rodeio para sustentar o golpe da Alemanha e dos banqueiros imperialistas gregos contra os trabalhadores.

Os partidos da esquerda devem dar as caras depois de semelhante capitulação à Syriza e à burguesia imperialista grega. O primeiro passo é que todo aquele que fala em nome das organizações operárias deve romper abertamente com o governo de colaboração de classes da Syriza, Gregos Independentes... e o presidente da Nova Democracia.

Aqui se derrubou a teoria-programa de "vamos todos com Syriza na primeira etapa, festejamos o plebiscito – como fizeram a conta do que não se havia conquistado – e depois na segunda etapa se poderá saldar contas com os banqueiros imperialistas gregos em desgraça", como afirmavam.

A esquerda votou festejar em todo mundo no dia seguinte do plebiscito e não dizer a verdade às massas. Todos aplaudem... a Casa Branca saúda... Merkel se faz um pouco de durona, mas acorda com tudo... e a esquerda festeja.

Esta é a "nova esquerda"... um rejunte de velhas receitas do stalinismo e da socialdemocracia.

Todos eles devem explicar. Ou por acaso têm alguma outra "tática genial" para oferecer para a classe operária grega?

BASTA! ABAIXO O ATAQUE AOS TRABALHADORES E AO POVO GREGO, DE TSIPRAS, MERKEL, OBAMA E O FMI!
QUE A CRISE PAGUEM OS BANQUEIROS E AS TRANSNACIONAIS GREGAS JUNTO A UE E O FMI!
DISSOLUÇÃO DO PARLAMENTO DA TROIKA E DO GOVERNO DOS BANQUEIROS PARASITAS NA GRÉCIA!
QUE SE VÃO TODOS! GREVE GERAL!
PARA AS RUAS, A LUTAR; NÃO HÁ NADA QUE FESTEJAR!
FORA O MAASTRICHT, O FMI E A "NOVA ESQUERDA"!
SÃO UMA FRAUDE!
PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA EUROPEIA!

O ataque da Merkel e Tsipras deve ser barrado em Berlim, em Madri, em Paris, e sublevando os povos oprimidos do Leste, posto que no "espelho" desta classe operária e em suas condições paupérrimas de vida, é onde a classe operária da Europa imperialista deve se olhar.

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORAS, SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES!

Lugar à Grécia revolucionária dos conselhos de operários e soldados!
Contra a União Europeia das potências imperialistas...
Pelos ESTADOS UNIDOS SOCIALISTAS DA EUROPA!

A crise de direção da classe operária grega e europeia, se resume a que estas tiveram uma superabundância de direções traidoras. Os choques decisivos entre as classes, já estão aqui. A situação pré-revolucionária grega foi aberta em 2008. Hoje estamos vendo seus capítulos decisivos.

Somente combatendo para unir os operários gregos com a classe operária europeia e colaborando para que estes coloquem de pé as organizações aptas para o combate, se poderá avançar a colocar de pé uma direção revolucionária. Disso se trata a luta pelos conselhos operários e de soldados, e as milícias operárias, com representantes de todas as classes oprimidas da sociedade.

Ali, nos organismos de duplo poder das massas, estará na ordem do dia a colocação em pé de uma direção revolucionária, que só surgirá como expressão de um combate internacional das forças revolucionárias da IV Internacional, contra os liquidadores da revolução socialista.

Ante a grave crise política e o crack, o elo mais débil da cadeia de domínio imperialista da Europa está novamente ameaçado de romper-se, que é Grécia

As direções traidoras desorganizaram mil e uma ofensivas das massas na Grécia e em toda Europa estes anos, como vimos nos ascensos pré-revolucionários no Estado Espanhol, as tomadas de fábrica e a rebelião dos imigrantes da França em 2009/2010, nas greves gerais da Bélgica e de Portugal, na sublevação de Tottenham na Inglaterra, na luta da classe operária e da juventude alemã contra os movimentos protofascistas, na dura resistência da classe operária italiana, contra os planos de austeridade, e em centenas de levantamentos da Europa do Leste, da Geórgia à Ucrânia, e da Ucrânia ao Quirguistão na Eurásia.

As direções traidoras criaram e criam as piores condições para a luta da classe operária europeia. Primeiro contiveram a primeira onda de 2009/2011, ano em que começavam enormes processos revolucionários no Magreb e Oriente Médio, nas zonas de influência de suas potências imperialistas. E uma vez que estes foram esmagados, o imperialismo vai pela Grécia, e amanhã terminará definitivamente indo por toda classe operária europeia.

Na Grécia, como na Ucrânia, estão sendo jogadas duas grandes batalhas da classe operária mundial. O imperialismo, de conjunto, concentra suas forças para esmagar estes focos revolucionários. Se não fazê-lo, corre o risco que estas batalhas se propaguem e incendeie toda Europa, dos dois lados do rio Reno, tanto no ocidente imperialista, como no oriente europeu oprimido.

Não está dita a última palavra. Esta não será dita contando os votos nos bairros operários, mas sim organizando as lutas nas fábricas, com os imigrantes, com a juventude rebelde e com os soldados rasos. Ali está o futuro da Grécia e o futuro da revolução europeia.

Digamos mais uma vez. O proletariado grego só tem interesses comuns com a classe operária europeia e mundial. Sem esta pré-condição não poderá dar nenhuma luta decisiva. A ruptura com o governo de Syriza é imprescindível.

As primeiras batalhas da luta contra o pacto Merkel-Tsipras começaram. Quando tiramos esta declaração, nas ruas se estão produzindo os primeiros choques contra o parlamento da Troika e os piratas da burguesia grega. Os trabalhadores do transporte e estatais já estão paralisados e chamam a cercar o parlamento no dia de hoje. O Partido Comunista, que dirige a central sindical PAME, que chamava o voto nulo no plebiscito, colocando-se como "alternativa de esquerda" a Syriza, tem a oportunidade de demonstrar sua oposição agora, se realmente luta por um governo dos trabalhadores, está colocando de pé uma verdadeira impostura para a classe operária.

O EKK e seus sindicatos tiveram toda a oportunidade de chamar a derrotar o plebiscito, opondo-se não a fantochada de um voto nulo, mas sim uma luta decidida dos sindicatos e da classe operária contra Syriza, que faz tempo vem aplicando o plano de fome da Troika. A burocracia stalinista dos sindicatos também impediu que se desse uma resposta nas ruas à farsa do plebiscito. Pois bem, agora sobram as condições para fazê-lo.

Um chamado a um congresso nacional dos sindicatos e organizações operárias, para por de pé comitês de empresa, de desempregados, de abastecimento, abriria uma nova perspectiva para os explorados da Grécia e colocaria na ordem do dia um chamado a todos os trabalhadores europeus a coordenar um combate comum em toda Europa imperialista do Maastricht.

Os velhos Partidos Comunistas europeus são também parte dos restos que compõem esta "nova esquerda", e jogam um papel fundamental na divisão de tarefas dentro dela. Hoje são o grande obstáculo para abrir uma perspectiva revolucionária.

Entrincheirados como uma burocracia nos sindicatos levaram a classe operária europeia – e grega em particular – a mendigar aos capitalistas que "morigerem seu ajuste" e a que "acabem com seus planos de austeridade", o que equivale a dizer para a raposa, que não coma as galinhas.

Estes burocratas sindicais impuseram aos sindicatos as piores prostrações e separam os operários sindicalizados dos milhões de desempregados e imigrantes.

O chicote do capital une cada vez mais todos os setores da classe operária, inclusive as camadas arruinadas das classes médias.

Isto acontece agudamente na Grécia. As massas lutam para romper os diques de contenção de suas direções.

Esta é uma das últimas oportunidades que as massas da Grécia têm, e uma dura advertência a todos os operários das potências imperialistas.

Devem-se colocar de pé os organismos de duplo poder das massas em luta!

Trata-se de unir todas as massas em luta. Já não há demandas por setor profissional da classe operária que se possam conseguir sem derrotar o governo e o pacto de Tsipras-Merkel. Todos os setores que entram ao combate contra o governo, devem por em pé os organismos de auto-organização e democracia direta das massas: os estatais, os sindicatos, os trabalhadores das empresas em crise, os desempregados, a juventude rebelde, a classe média arruinada.

Na Grécia abriu-se uma enorme crise política. As direções traidoras querem impedir que as massas vejam o monstro que está nas sombras para que não golpeiem ele duramente: a casta de oficiais do exército grego, parte do generalato da OTAN, e sua casta de coronéis assassinos. A demanda de comitês de soldados, que impeçam toda a repressão ao povo, o direito a sindicalização e organização, e sua participação nas ações dos trabalhadores e do povo e suas lutas, se coloca uma questão decisiva ante a crise política na que a Grécia está entrando.

Fora as bases militares gregas do Kosovo!

O Amanhecer Dourado e o movimento fascista, ante o desenvolvimento da crise, apoiado nas classes médias desesperadas, voltará a recrutar forças - alentado nos bastidores pelo grande capital – para atacar o

Alexis Grigoropoulus e Pavlo Fyssas: mártires dos trabalhadores e da juventude grega

movimento operário e as massas em luta. Deve-se colocar de pé os comitês de autodefesa dos trabalhadores em luta, junto os operários imigrantes, diante de toda tentativa da burocracia dos sindicatos de romper desde dentro a luta dos explorados da Grécia, como já aconteceu em 2012 nos combates com Papandreu.

Enormes combates de classes se aproximam. O grande capital deu a ordem de "guerra civil contra as massas". Nada mais pode continuar criando ilusões de que vêm "épocas de paz social e harmonia entre as classes". Pela frente, a alternativa está mais que clara.

A burguesia, com seus governos de colaboração de classe, como Syriza, vem a adormecer e anestesiar as massas, e a reprimir violentamente sua ala esquerda. Enquanto isso ocorre, o grande capital prepara o fascismo. Na Grécia, já faz tempo, este vem pegando os paus e revolveres para atacar os trabalhadores.

Aonde vai a Grécia? A uma alternativa de ferro: Ou a revolução socialista, ou ao fascismo e a guerra.

FLTI – Coletivo pela IV Internacional,
Integrado por:

Liga Obrera Internacionalista (LOI-CI) – Democracia Obrera, de Argentina
Partido Obrero Internacionalista (POI-CI), de Chile
Workers International League (WIL), de Zimbabwe
Movimiento revolucionario de las milicias rebeldes, de Libia
Brigada León Sedov, de Siria
Comitê Revolucionário Operário e Juvenil pela Auto-organização (CROJA), do Brasil
Liga Socialista de los Trabajadores Internacionalistas (LSTI), de Perú
Liga Trotskista Internacionalista (LTI), de Bolivia
Liga Comunista de los Trabajadores (LCT), de Venezuela
Grupo Comuneros, de Colombia

O governo da "nova esquerda" de Syriza hoje mantem presos o melhor da juventude rebelde e os combatentes antifascistas

LIBERDADE IMEDIATA E INCONDICIONAL DE NIKOS ROMANOS E TODOS OS PRESOS POLÍTICOS GREGOS!

Todas as organizações operárias e estudantis combativas tem a obrigação de convocar e encabeçar mobilizações e concentrações nas embaixadas gregas do mundo e todo tipo de ações pela liberdade dos jovens rebeldes lutadores contra o regime da Troika.

Nikos Romanos

Gerasimos Tsakalos e Panagiotis Argirou

Savas Xiros

Não podemos permitir que em nome da esquerda e a luta anti-imperialista se encarcere e se reprima os trabalhadores e a juventude rebelde!

LUTA PELA BASE

Porta-voz do Comitê Revolucionário Operário e Juvenil pela Autoorganização (CROJA).Aderente da FLTI Coletivo pela IV Internacional
06 de Julho de 2015

comitepelarefundacaoiv@yahoo.com.br
comitepelarefundacaoiv.blogspot.com
https://www.facebook.com/ComitePelaRefundacaoIV

Na última Cúpula das Américas Obama colocou sob o seu comando a toda a burguesia da América Latina para fazer negócios no Atlântico e no Pacífico...
Em momentos que a burguesia bolivariana não tem legitimidade para sustentar a sua demagogia antiimperialista perante os novos embates de massas, e sustenta junto com os irmãos Castros a entrega de Cuba a Obama, Coca Cola e Cargill...
Hoje, há uma nova concentração de forças da nova esquerda sob o comando NPA Francês, da Esquerda Unida da Espanha, da LIT e da UIT para refundar o Fórum Social Mundial no Brasil e sustentar a Frente Popular internacional com Syriza e PODEMOS à cabeça.

O Congresso da CSP-Conlutas-ANEL e o Encontro Sindical Internacional:

Um congresso para centralizar as forças dos trabalhadores a nível internacional, para derrotar o ataque dos capitalistas e dos parasitas imperialistas, ou uma fachada sob as bandeiras da luta internacionalista para sustentar pela esquerda a frente popular e o capitalismo em bancarrota?

A nova esquerda da Frente Popular se concentra para impor uma nova frustração ao combate do proletariado latino-americano e mundial

Depois de três anos de seu 1º Congresso, se reuniu o 2º Congresso da CSP-Conlutas na cidade de Sumaré (interior de SP) nos dias 4/5/6/7 de junho. Neste Congresso estiveram presentes 2.639 participantes, destes, 1.702 delegados representando as categorias de professores do Paraná, São Paulo, Pará, e diversas regiões de trabalhadores federais, setores dos petroleiros do Rio de Janeiro e do litoral paulista, metroviários de SP e Rio Grande do Sul, garis do RJ, metalúrgicos de SJC, construção civil de Belém e Fortaleza. Dentro do mesmo congresso participaram diversos coletivos de LGBT's e movimentos da juventude contra opressões. Ao mesmo tempo se realizava, na mesma região (Campinas) onde foi o Congresso da CSP-Conlutas, o congresso da ANEL (Assembleia Nacional dos Estudantes Livres, dirigida pelo PSTU-LIT).

Ambos Congressos foram dirigidos – em primeira instância – pelo 2º Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas reunido nos dias 8 e 9 de junho em Campinas (interior de SP), encabeçado pelos dirigentes do Solidaires (NPA) francês, CGT espanhola (Esquerda Unida), junto a representantes sindicais de 23 países (Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Egito, Espanha, EUA, França, Haiti, Inglaterra, Itália, México, Palestina, Paquistão, Paraguai, Peru, Portugal, Saara Ocidental, Síria, Tunísia, Turquia e Venezuela) que reuniram arredor de 200 participantes.

2° Congresso da Conlutas

2º Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas

Ali estavam a esquerda do social-imperialismo europeu, sustentadores da Syriza na Grécia e do PODEMOS na Espanha, e todas as alas pró-socialdemocratas da esquerda da Frente Popular como são os representantes da FIT da Argentina representada em todas as correntes da esquerda latino-americana com o PSTU/LIT, PSOL/UIT e o PCB como anfitriões e encarregados para dar a abertura do congresso CSP-Conlutas saudando as delegações internacionais que participaram do Encontro.

Este Encontro Sindical foi direção política do congresso da CSP-Conlutas, e votou as verdadeiras resoluções que aplicarão, não somente no Brasil, mas em todos os países em que estes "representantes" intervêm.

Ou seja, os operários honestos que vem de enfrentar à burocracia da CUT, da FS, etc. e que foram buscar uma alternativa para lutar, como os operários do COMPERJ, os Garis do RJ, os professores do Paraná, os metroviários de SP e do Rio Grande do Sul, metalúrgicos de SJC etc., não tiveram voz, não puderam unificar sua luta com seus irmãos de classe do continente e do resto do mundo, pois, embora tenham colocado sua luta como exemplo, uma vez que finalizou o Congresso todos voltaram para seu respectivos países e os delegados do Congresso da CSP-Conlutas voltaram para seus respectivos estados para continuar isolados uns dos outros e novamente sofrer categoria por categoria os ataques.

O Encontro Internacional Sindical de Solidaridade e Lutas
Um organismo que em nome do internacionalismo e do anticapitalismo, não organiza nenhum combate comum por cima das fronteiras…

Organizado conjuntamente por la CSP-Conlutas (Brasil), Solidaires (França) e a CGT (Espanha), com uma delegação de 184 ativistas de 24 países, este Encontro aprovou uma declaração para *"chamar uma semana de ação internacional de 9 a 25 de outubro contra os planos de austeridade na defesa dos direitos trabalhistas ao afirmar que os trabalhadores não devem pagar a crise. E que cada organização decidirá sobre as ações a tomar em cada país"*. Enquanto isso, apenas declarações, resoluções e notas de repúdio frente aos ataques que já estão em andamento em todos e em cada país representado neste encontro.

Se de um lado essa delegação reconhece o ataque como generalizado e como um meio de fazer com que os trabalhadores paguem pela crise dos capitalistas, de outro não define claramente um plano imediato de ação para barrar o ataque, nem mesmo nos sindicatos que dirigem ou influenciam, como nos enormes sindicatos metalúrgicos e das automotrizes, como o IG Metall (sindicato alemão que organiza mais de 2 milhões de trabalhadores), ou a própria CSP-Conlutas que dirige aproximadamente 2 milhões de trabalhadores, sendo 45 mil metalúrgicos só em São José dos Campos e Região, sobre os quais já passam ataques enormes da patronal, mas mesmo assim não se votou nenhuma resolução para lutar de maneira conjunta contra as transnacionais imperialistas que nos atacam.

Que anticapitalismo é esse que sequer chama a derrotar o ataque das transnacionais imperialistas com a unificação internacional dos trabalhadores metalúrgicos? Que anticapitalismo é esse que não determina a luta antiimperialista contra as montadoras imperialistas com uma luta encabeçada pelos trabalhadores alemães, franceses e estadunidenses sob o grito de "O inimigo está em casa! "? Que anticapitalismo é esse que onde dirige rege a divisão das fileiras operárias, inclusive nas categorias representadas pela mesma central? Que anticapitalismo é esse que acorda na mesa de negociação com a patronal o arrocho salarial, a demissão, e a entrega de nossas conquistas históricas?

Já sabemos de que "anticapitalismo" e "internacionalismo" se tratam, haja vista que em 2012, os mesmos sindicatos que recém participaram deste Encontro, se reuniram com dezenas de sindicatos metalúrgicos em Munique (Alemanha). **O que significou esse encontro?** A centralização internacional para aplicar os planos de flexibilização trabalhista, ao conjunto dos operários das montadoras imperialistas, seguindo o exemplo da burocracia sindical da WAV norte-americana (com foram os acordos assinados pela direção da CSP-Conlutas) e da IG Metall com seu "plano alemão" (como são os planos que defendem as burocracias pelegas como a CUT, CTB, etc.).

O Resultado: dezenas de operários da Suzuki na Índia presos e condenados à morte por lutar contra a escravidão trabalhista, e por fazer justiça com as próprias mãos contra os patrões escravistas na cidade de Coimbatore; operários das montadoras da Turquia superexplorados num regime trabalhista que impõe que 19 operários produzam 60 carros por dia; os operários da Peugeot e da Renault na França, que haviam protagonizado as ocupações de fábrica com os patrões de reféns, foram demitidos em massa com as transnacionais repassando grande parte de sua produção para o Leste europeu, como na Romênia, com operários produzindo como escravos, posto que o NPA francês e todos os social imperialistas europeus, se negaram a levantar o grito dos operários da Renault da Romênia de: Igual trabalho, igual salário, na Romênia e na França!; enquanto os metalúrgicos da África do Sul representados pelo NUMSA, foram impedidos de unificar seus combates com os mineiros de Marikana, e hoje o que prima é uma ofensiva contrarrevolucionária das transnacionais imperialistas na África do Sul, representada no CNA e assentada na burocracia do COSATU, fato que o NUMSA hoje silencia; na General Motors de São José dos Campos – Brasil, desde janeiro de 2013, rege o acordo assinado pela própria Conlutas e fechado em um abraço fraterno entre Macapá e o burguês Luiz Moan, esse acordo se generalizou pela Argentina e é sustentado pelos delegados que a FIT tem nas montadores instaladas neste país como a IVECO, GM, Scania, VW, etc., e defendido pela burocracia pelega do SMATA e da UOM.

Quer dizer, o que se centralizou foi a imposição generalizada no ramo automotriz em todo o planeta da flexibilização, arrocho salarial e demissões em massa, ou seja, uma verdadeira escala móvel de salários e horas de trabalho ao contrário. Esse foi o resultado de sua política nas indústrias onde dirigem e controlam. E hoje voltam a se centralizar para aprofundar essa mesma política de colaboração de classe e sustentar o capitalismo, como se demonstra na situação dos trabalhadores das montadoras que dirigem.

Por tudo isso definimos que esse Encontro não reuniu mais que ala sindical do Fórum Social Mundial, em momentos em que todo o castrismo, o chavismo e o bolivarianismo (os fundadores do FSM) se desmascaram como sustentadores e defensores dos interesses imperialistas, e que ficam desprestigiados perante as massas, como o chavismo na Venezuela, como CNA na África do Sul, como o castrismo que acaba de restaurar o capitalismo em Cuba, ou como o PT no Brasil. Estes que já não podem falar mais às massas, em nome de seus interesses, para desviá-las dos combates e estrangular suas revoluções, como fizeram durante todo o último período, apelam às organizações da "Nova Esquerda", que não são mais que os continuadores dessa política, que sempre acompanharam e sustentaram pela esquerda o FSM, e hoje ocupam o papel que os fundadores do FSM já não podem mais cumprir.

Essa é a "Nova Esquerda" que se coloca como "alternativa" para a luta das massas, para no final das contas sempre jogá-las na toca do lobo, submetendo-a ao parlamento burguês com sua política de exigência, para conter os combates revolucionários das massas e submetê-las aos seus carrascos. Os maiores exemplos são o Syriza da Grécia, e o PODEMOS da Espanha, que neste Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas, estavam, como já dissemos, seus defensores e apoiadores diretos (CGT espanhola e Solidaires francês, e PSOL brasileiro), e suas alas "críticas", mas conselheiras (LIT-PSTU, UIT e seus satélites).

À CSP-Conlutas restam duas alternativas, ou ser uma organização das massas, para definir um plano de luta conjunto e o atrelamento das lutas internacionalmente, ou se atrelar com a nova burguesia cubana aos pés da burguesia imperialista com o pacto Obama-Castro.

As grandes forças dos professores, estudantes, dos operários do COMPERJ, metalúrgicos, metroviários etc., reunidas no congresso da CSP-Conlutas e da ANEL precisam romper com as definições superestruturais do Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas, que impedem a unificação pela base entre esses movimentos por cima das fronteiras.

Como pode ser que se reúnam delegações de 24 países e não se vote um plano de luta internacional dos explorados, quando é o próprio ataque do capital financeiro que os une em suas demandas e em seu combate por trabalho e vida digna?

A verdade é que enquanto o proletariado latino-americano sai em duras lutas contra as transnacionais imperialistas, como **no Chile** por educação, trabalho e salário digno com os mineiros, professores e estudantes à cabeça; como **no Peru** onde se impôs o estado de sítio com mais de 100 camponeses e operários presos, com os professores da região de Apurímac e Ayacucho desenvolvendo paralizações e marchas por melhores salários, educação gratuita e de qualidade; como **na Colômbia** com os petroleiros e os professores lutando, apesar e contra a burocracia, contra as petroleiras imperialistas e o regime infame das 7 bases militares ianques em duros combates; como **na Venezuela** com a vanguarda sofrendo com a repressão e encarceramento pelas forças repressivas do bolivariano Maduro por lutar por trabalho digno, contra a inflação e o desabastecimento, como os operários siderúrgicos da SIDOR; como **no Brasil** também saqueado pelas transnacionais imperialistas, em que os professores acabam de sofrer um duro golpe depois de 86 dias de greve em São Paulo e não conseguirem nenhuma das suas reivindicações, ou os operários das montadoras imperialistas que sofrem demissões e arrocho salarial, que por não ter se generalizado o combate da Volks - que garantiu a reintegração dos 800 demitidos com a unificação nas ruas -, abriu caminho a um ataque sobre todas as montadoras, inclusive na própria Volks, e se espalhando a todas as montadoras do MERCOSUL. Enquanto no campo e nos morros e favelas militarizadas os explorados morrem todos os dias nas mãos dos pistoleiros fascistas e da polícia assassina; como **na Argentina,** onde os trabalhadores da Direção Geral da Arquitetura da Província de Córdoba lutam contra as demissões e por melhores condições de trabalho desconhecendo os estatutos da burocracia sindical e colocando em pé assembleias com democracia operária, ou os trabalhadores azeiteiros que rompem o teto salarial imposto por Kirchner-Kacillof-Calo por terem sido rodeados de solidariedade e terem coordenado as lutas e demandas por 15 mil pesos de salário mínimo. **Sem falar** no combate da juventude e da classe operária negra massacrada pela polícia racista assassina nos EUA e seu combate junto aos explorados latinos nos *fast-foods* por US$ 15 por hora de salário, que é a demanda dos explorados de todo o continente e que nos une dos EUA à Terra do Fogo!

Fora o silêncio dessas direções sobre os milhares de presos políticos que apodrecem nos cárceres imperialistas e dos regimes comandados por Obama, como Mumia Abu-Jamal, os lutadores antiimperialistas presos em Guantánamo, os petroleiros de Las Heras, os mais de 7000 presos palestinos nas masmorras do sionismo, a juventude grega como Nikos Romanos e um longo etc.

Castro e Obama

Colômbia: Mobilização dos professores

Baltimore: Grito da Juventude Negra nos EUA

Grécia: Presos políticos: Gerasimos Tsakalos e Panagiotis Argirou; Nikos Romanos e Savas Xiros

As direções participantes do Encontro Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas não moveram um dedo sequer para unificar essas lutas contra Obama e Wall Street, ou mesmo lutar pela liberdade dos presos políticos. De que internacionalismo falam essas direções?

Na verdade, estas direções são a "Nova Esquerda" de Obama, todos centralizados e formados na Havana capitalista da nova burguesia dos Castro e que hoje falando em nome do trotskismo e da Quarta Internacional camuflam seu programa stalinista de socialismo em um só país e de revolução por etapas, para hoje falar que o socialismo não serve nem sequer em Cuba.

Para que a CSP-Conlutas e todas as 24 delegações presentes nesse Congresso se tornem um verdadeiro organismo de luta, independente e da classe operária, é preciso lutar pra tirar de nossas organizações a burocracia sindical, responsável pelo atrelamento à burguesia.

É preciso lutar para tirar as mãos do Estado burguês de nossas organizações de luta, essa é a única maneira de garantir uma unificação real, em cada combate. Como poderemos lutar com essas direções que se negam unificar, inclusive, os setores presentes nesse congresso com um plano de reinvindicações e de luta comum?

Os trabalhadores precisam tomar a solução da crise em suas mãos e conquistar um Congresso Nacional de Base de todas as centrais sindicais e que eleja delegados com mandato de base para organizar e garantir a GREVE GERAL, UNIFICANDO SEU COMBATE POR CIMA DAS FRONTEIRAS NACIONAIS! BASTA DE DIVISÃO DAS FILEIRAS OPERÁRIAS! UMA SÓ CLASSE, UMA SÓ LUTA!

É preciso refundar o movimento operário de baixo para cima! Fora a burocracia sindical! Fora as mãos do Estado de nossas organizações de luta! Eles não nos representam!

É preciso retomar o caminho iniciado em 2013, dessa vez para triunfar, para que sejam os capitalistas os que paguem pela crise!

Abaixo os acordos assinados pela direção da CSP-Conlutas com a GM, e todos os acordos assinados pela burocracia sindical de entrega de nosso salário, nosso trabalho e nossa dignidade nas mesas de negociação com os exploradores!

Por um sindicato metal-mecânico único de todo o cone sul!

Expropriação sem pagamento e sob o controle operário de todas as transnacionais imperialistas e de todas as fábricas que fechem, suspendam ou demitam trabalhadores!

Renacionalização sem indenização e sob o controle dos trabalhadores da Petrobras, da Vale, da Embraer, da Sabesp e de todas as privatizadas!

Renacionalização sem indenização e sob o controle dos trabalhadores de todos os recursos naturais, para colocá-los em prol dos interesses dos trabalhadores e explorados do Brasil, para que nunca mais falte água e nenhum recurso básico!

Expropriação sem pagamento e sob o controle operário e dos camponeses pobres de todas as transnacionais do agronegócio, para ter terra para o camponês pobre e alimento para todos os explorados!

1980: Comitês Operários. Trabalhadores pedem pela liberdade de seus dirigentes

Expropriação sem pagamento e sob o controle operário de todos os bancos! Por uma banca estatal única para dar créditos baratos para os camponeses pobres e os pequenos comerciantes arruinados!

Expropriação sem pagamento e sob o controle dos trabalhadores de todas as universidades e clínicas privadas, para ter educação e saúde gratuitas e de qualidade para todos os trabalhadores e explorados do país!

Plano de obras públicas para ter moradia digna para todos os explorados do país! Não ao pagamento da dívida externa!

Escala móvel de salário e horas de trabalho para conquistar trabalho para todos, e acabar com o flagelo do desemprego!

É preciso conquistar comitês de autodefesa organizados por fábrica, estabelecimento e bairros, e centralizados a nível regional e nacional para enfrentar a repressão do governo, que não vacila em reprimir violentamente!

Liberdade imediata a todos os presos políticos e desprocessamento de todos os lutadores operários e populares!

Fora o FSM das fileiras operárias! Basta de defender o capitalismo usurpando as bandeiras do socialismo!

Para que a classe operária e os explorados vivam o imperialismo deve morrer!

Chamamos enfaticamente a todos os jovens e trabalhadores combativos, em primeira instância os trabalhadores demitidos e sobre ataque e à juventude negra massacrada pela polícia assassina, a pôr em pé o partido revolucionário internacionalista que merecemos e precisamos para triunfar. O partido trotskista sob as bandeiras e o legado da IV internacional para lutar com um só punho desde Alaska até a Terra do Fogo, para esmagar os capitalistas e conquistar a revolução socialista internacional.

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES!

CROJA
Aderente do Coletivo pela Refundação da IV Internacional - FLTI.

Bolívia
24/07/15

Declaração da Liga Trotskista Internacionalista da Bolívia, aderente ao Coletivo pela Refundação da IV Internacional-FLTI

Potosí – Bolívia

Os mineiros de Potosí são um exemplo de como se deve enfrentar os planos de fome e miséria do governo de Evo Morales e das burguesias bolivarianas que entregam a América Latina ao saque das transnacionais e dos parasitas imperialistas
Mineiros, estudantes e camponeses pobres, sustentam uma heroica greve em Potosí há 20 dias, com piquetes, bloqueio de estradas, ocupação das minas das transnacionais, com isto estabeleceram o controle do Departamento (equivalente a um estado na divisão territorial brasileira NdT). Eles se sublevaram pelo direto a dar de comer a suas famílias, por salário, trabalho e educação dignas, em meio a uma situação de miséria, ameaça de demissões, carestia de vida...
Enquanto os mineiros mobilizados em La Paz, enfrentando a policia repressora e assassina de Morales, fizeram voar aos dinamitazos o Ministério fazendo fugir pelos tetos os ministros burgueses, esfomeadores e repressores de Morales. ***Assim se luta!***

Viva a luta dos mineiros, operários, docentes, camponeses pobres estudantes de Potosí!

Todos somos Potosí! Todos temos as mesmas demandas de salário, trabalho, saúde e educação digna para nossos filhos!

Este governo e sua farsa de "*proceso de cambio*", demonstrou ser um governo da Banca Morgan e das transnacionais que saqueiam nossos recursos naturais, a custo de submeter às massas exploradas à fome, miséria e nos reprime e encarcera quando saímos para lutar por pão, trabalho e uma vida digna.

Morales é um governo que entregou todos os hidrocarbonetos e os minerais aos parasitas imperialistas e quer que paguemos com fome e miséria o 1 bilhão de dólares com que endividou a Bolívia pela venda de bônus do estado à Banca Morgan e aos parasitas de Wall Street.

Basta de saque, misérias, salários de fome e superexploração para os trabalhadores e mineiros da Bolívia!

Basta de governo de Evo Morales e sua estafa de "Revolução Bolivariana"!

Basta de regime de pacto de Morales com a Meia Lua Fascista!

Os dirigentes da COB e da FSTMB – que transformaram a COB em um apêndice de Morales – deixaram isolados e cercados o combate das massas exploradas de Potosí, e os mineiros lutando sós em La Paz... enquanto seus ministros e senadores "operários" como o traidor de Pedro Montes, são cúmplices do governo e entregam nossas demandas nos corredores dos ministérios. Por isso cercaram o combate dos mineiros e das massas exploradas de Potosí que enfrentam o governo.

Abaixo a burocracia colaboracionista da COB e da FSTMB!

É preciso unir as filas de todos os trabalhadores e voltar a soldar a aliança de operários, camponeses pobres e estudantes combativos para organizar uma luta comum por nossas demandas e para derrotar o ataque do governo e das transnacionais.

É o momento que voltem a sublevar-se os mineiros de Huanuni e de Colquiri, que se ponha de pé a vanguarda mineira junto aos mineiros de Potosí. Os mineiros de Potosí têm toda autoridade de chamar os mineiros superexplorados de todo país a enviar delegados de base de todas as minas para pôr em pé um **Congresso de todos os mineiros da Bolívia, sem burocratas nem ministros "operários"**, para recuperar nossa (FSTMB) Federação mineira das mãos dos dirigentes que entregam nossas lutas. **Basta de dirigentes que entregam nossa luta!** Das minas de Huanuni, Colquiri, devemos enviar delegados à La Paz para lutar junto aos mineiros de Potosí. Não deixemos que fiquem sós como nos deixaram nas ruas de La Paz durante a greve de maio de 2013, os burocratas de Miguel Pérez e Trujillo.

É o momento de lutar juntos contra o mesmo inimigo: Morales e as transnacionais imperialistas, para defender nossas demandas, recuperar nossas conquistas arrebatadas por este governo, graças a traição dos dirigentes da COB e FSTMB.

Os mineiros de Potosí têm toda autoridade para fazer um chamado a todos os trabalhadores, mineiros, fabris e estudantes combativos a lutar juntos contra o governo antioperário de Morales para conquistar todas nossas demandas. **Uma só classe, uma só luta!**

As organizações que falam em nome da classe operária como o POR, que dirigem os professores de La Paz, Oruro, estudantes combativos da UMSS, devem pôr todas suas forças para unificar a luta junto aos mineiros. Eles denunciam o governo e as transnacionais e chamam a derrotar a burocracia da COB e da FSTMB. Pois bem, é o momento de passar das palavras aos fatos. Todos os professores, estudantes e fabris temos que sair para lutar com os mineiros e explorados de Potosí. Mario Martinez de Huanuni, que está na direção do sindicato e diz ser da "oposição" à burocracia, que chame já os mineiros de Huanuni a lutar junto aos operários de Potosí.

É preciso pôr em pé um
COMANDO DE LUTA NACIONAL!
Com delegados de todos os mineiros, estudantes, professores, fabris para lutar junto aos mineiros e explorados de Potosí para organizar um plano de luta e a greve geral

Dinheiro para garantir saúde, trabalho, educação sobra, nós a extraímos, as transnacionais a leva:

É preciso expropriar, sem pagamento e sob controle operário as transnacionais imperialistas como a Sumitmo – San Cristobal que saqueia a nação!

Como diz as Teses de Pulacayo:

É preciso expropriar toda mina, fábrica que suspenda, feche ou demita!
É preciso expropriar, sem pagamento e sob controle operário o imperialismo e a burguesia nativa da Bolívia!
Expropriação sem pagamento e sob controle operário de todos os bancos para fazer uma banca estatal única e dar crédito barato aos pequenos produtores do campo e da cidade!
Fora gringos da Bolívia e da América Latina!
O gás, estanho, a prata e os minerais para os bolivianos!

É preciso pôr de pé comitês de autodefesa para nos defender da repressão da policia assassina de Morales! Liberdade imediata dos lutadores e dos mineiros detidos por lutar! Desprocessamento imediato dos mineiros de Huanuni! Liberdade aos comuneiros de Ayo Ayo condenados a cadeia perpétua pelo governo de Evo Morales! Liberdade aos presos de Guantánamo, aos mais de 6.000 presos palestinos, aos petroleiros de Las Heras e a todos os presos políticos do mundo!

Hoje mais do nunca necessitamos de uma Rede de Solidariedade Internacional que lute pela liberdade de todos os presos políticos que ousaram enfrentar a este sistema pestilento que merece morrer!

É preciso unificar nosso combate contra a guerra de classes que nos declarou Obama e as transnacionais imperialistas, do Alasca à Terra do Fogo. É preciso lutar junto a nossos irmãos de classe do Peru profundo que enfrentam a ofensiva das transnacionais, o TLC e o governo antioperário de Humala. É preciso lutar junto aos mineiros em luta, docentes e estudantes combativos do Chile que enfrentam o governo da Bachelet "socialista" dos generais pinochetistas.

Liga Trotskista Internacionalista da Bolívia

CHILE
24/07/15

Declaração do "El Cordonazo" porta-voz do POI-CI do Chile

O governo da Bachelet, a "socialista" dos generais pinochetista, assassina com sua polícia o mineiro em greve Nelson Quichillao

Assim respondeu este governo contra a luta que estão protagonizando os mineiros sob contrato em todas as divisões da CODELCO, que hoje cumprem seu quarto dia de greve produto da negativa da CODELCO de negociar o Acordo Marco. Na divisão El Salvador em Calama, na quinta 23/07 pela noite, havia começado a repressão das Forças Especiais dos policiais contra os trabalhadores em luta. Foi às 2 da madrugada do dia de hoje que esses cães de caça continuaram sua repressão com balas de chumbo contra os companheiros, assassinando a Nelso Quichillao López e deixando outros trabalhadores gravemente feridos.

Basta de governo da Bachelet e seus sócios da DC (Democracia Cristã NdT) e do PC a serviço do TLC e dos generais pinochetista!
GREVE GERAL REVOLUCIONÁRIA JÁ!

Os mineiros sob contrato da COLDECO continuam em pé de luta
Os professores mantêm seu combate contra o projeto de carreira docente do governo e da burocracia de Gejardo
Os portuários começaram uma paralização em Porto San Vicente por melhores condições de trabalho
Os trabalhadores da construção do Metro lutam por aumento de salário
Os estudantes universitários e secundários continuam suas ocupações contra a "reforma educativa" pela educação pública e gratuita

Para impor nossas demandas e fazer justiça por nosso companheiro,
É preciso coordenar a todos que estão lutando!
Somos centenas de milhares lutando nas ruas, nas barricadas e nas greves
COMITÊ NACIONAL DE LUTA JÁ
para impor a Greve Geral contra o governo, o regime cívico-militar e as transnacionais do cobre
Julgamento e castigo para os assassinos de Nelso Quichillao! Tribunais Operários e Populares para julgar e castigar a todos os assassinos dos mártires operários!
Basta de assassinatos aos operários e repressão aos que lutam!
Comitês de autodefesa para nos defender da repressão do estado, do regime e do governo!

Para conquistar até a mais mínima de nossas demandas:

Cartuchos da policia assassina e a roupa ensanguentada do companheiro Nelson Quichillao

Fora as transnacionais e os banqueiros imperialistas! Fora o TLC!
É preciso retomar a luta pela RENACIONALIZAÇÃO SEM PAGAMENTO E SOB CONTROLE OPERÁRIO DO COBRE PARA FINANCIAR A EDUCAÇÃO GRATUITA E O SALÁRIO OPERÁRIO!

Os "pacos de rojo" (policiais de vermelho NdT) do PC desde a direção da CUT, o Colégio de Professores, etc. são os que garantiram que todos os setores em luta estejam lutando separados e sós, sãos os que entregam nosso combate e assim garantem que o governo possa descarregar sua repressão sangrenta
Basta de burocracias que nos submetem às "mesas de negociação" com o governo assassino de mineiros!

Abaixo a burocracia colaboracionista da CUT!
Fora Vallejos e seus continuadores das organizações estudantis!

Os stalinistas do PC e da CUT no Chile cercam, isolam e entregam nossas lutas porque são os mesmo que com os Castro, abraçados a Obama, entregam a Cuba revolucionária aos ianques. No entanto, no Peru os mineiros e os camponeses se sublevam contra as transnacionais e o governo de Humala, enquanto na Bolívia os mineiros de Potosí junto aos camponeses pobres se insurrecionam pelo pão, o trabalho e a terra enfrentando o governo de Evo Morales agente de Wall Street. Por uma só e mesma luta com nossos irmãos de classe do Peru e Bolívia contra o imperialismo, suas transnacionais e seus governos capachos!
Basta de "reformas"! Lugar à revolução socialista! Que voltem os Cordões Industriais! Chile será socialista ou será colônia de Wall Street!

"El Cordonazo" porta-voz do POI-CI do Chile

HAITI
Julho-2015

Seguindo o exemplo das lutas de Ferguson e Missouri nos Estados Unidos a classe operária negra se coloca de pé na América Central
Subleva-se no Haiti e resiste as deportações na República Dominicana

A luta pela expulsão das tropas de ocupação no Haiti e para deter as deportações e os ataques aos imigrantes na República Dominicana é a luta para melhorar nossas condições de vida!

Para ter moradia, educação, saúde e trabalho é preciso expulsar o imperialismo! Uma mesma classe, uma mesma luta!Uma só revolução em toda a América Central e do Caribe!

Por comitês de autodefesa das organizações operárias do Haiti e República Dominicana para defender os trabalhadores dos ataques do estado, suas bandas fascistas, o exército e as tropas de ocupação da ONU!

O governo da República Dominicana, como resultado de uma farsa da Tribuna Constitucional desse país em 2013, decretou que toda pessoa que não possa demonstrar sua cidadania dominicana é visto como imigrante haitiano e será deportado. O Plano Nacional de Regularização de Estrangeiros e a Lei Especial de Naturalização, estabelecem que os jovens que tenham documentos dominicanos mas tenham pais sem documentos, serão despojados de sua cidadania e também poderão ser deportados. Assim, são 250.000 trabalhadores que correm o risco de ser expulsos de seu país.

Os trabalhadores de Haiti que fogem da pobreza e da miséria, cruzam a fronteira até a República Dominicana para poder trabalhar na cana de açúcar, na construção ou como trabalhadoras domésticas, conformando assim uma parte muito importante da classe operária desse país.

A classe operária no Haiti está protagonizando um verdadeiro levantamento contra as condições de vida. Pois a falta de emprego, a fome e a miséria torna a vida das massas insuportável, a estas condições se soma a cólera que assola a nação, a falta de moradia, de educação e saúde.

Em janeiro deste ano os trabalhadores do Haiti começaram uma sublevação contra a miséria e as condições de vida, enfrentando o presidente Michel Martelli, e a ocupação das tropas imperialistas da ONU, assassina do povo. Estes protestos foram brutalmente reprimidos deixando o saldo de um trabalhador morto.

As deportações, e os ataques “xenófobicos” na República Dominicana não tem outro objetivo que impedir a irrupção revolucionária dos trabalhadores da ilha de Santo Domingo. República Dominicana, como a maioria das nações do Caribe, se encheu de investimentos imperialistas no turismo e em zonas francas onde as transnacionais não pagam impostos.

O imperialismo afundou a nação haitiana e a ocupou militarmente, para criar um verdadeiro exército industrial de reserva para baixar o salário dos trabalhadores do Caribe. Isto junto a restauração do capitalismo em Cuba e a entrega de suas conquistas ao imperialismo, deferiram um novo golpe às condições da vida dos trabalhadores da América Central. Os irmãos Castro entregaram ao imperialismo ianque e ao mercado capitalista milhões de trabalhadores cubanos que ganham 18 dólares a hora para se afunde o salário de toda a região. Uma mostra disso é o porto de Mariel (Cuba) onde estão concentrados os maiores investimentos do imperialismo em uma zona franca livre de impostos para as transnacionais de Wall Street.

O castrismo que na década de 80 entregou a revolução na América Central com os pactos de Esquipulas e Contadora, hoje entrega Cuba à Cargill, a Coca Cola e Wall Street.

O pacto de Obama e Fidel Castro entrega Cuba e América Central a Wall Street

Em fevereiro de 2014 se reuniu na CELAC (Comunidade de Estados da América Latina e Caribenhos) em Havana. Esta reunião dos governantes do continente, foi uma verdadeira Junta de Gerentes e Conselhos de Ministros do capital financeiro, as transnacionais e as potências imperialistas afirmando que “tem negócios para todos”.

Todos, governos bolivarianos da ALBA, governos do TLC, CAFTA, Mercosul, sob a direção da ONU, **depois de expropriar, abortar e desviar a revolução da América Latina** no início do Século XXI, se juntaram a festejar a restauração capitalista em Cuba, que **significa que nunca mais no continente americano pode ter uma "nova Cuba" onde se exproprie o imperialismo.** Sob a direção da ONU, com Obama recebendo às muito bom grado o que em Havana oferecia, todos os governos desde o Rio Bravo para abaixo, festejaram a entrega de Cuba ao capitalismo, o massacre da resistência Colombiana e as condições de escravidão que impuseram às massas operárias e camponesas da América Central e do Sul.

Expuseram e prometeram na CELAC o imperialismo avançar na escravidão trabalhista e o saqueio, para que os capitais aproveitem as "oportunidades" que tem criado seus governos lacaios. Colocaram como gerentes e sócios menores do capital financeiro cada um dos países à disposição da voracidade de Wall Street e suas empresas. Cínicamente declararam a América Latina "Zona de Paz" quando todos esses governos com o Unasur, a OEA e os mercados regionais, ocultam que estão sob ordens dos chefes e centuriões ianques do Pentágono que desde as bases militares, como já falamos, monitoram os negócios do imperialismo na região.

Esse é o papel das tropas de ocupação da ONU no Haiti e das setes bases militares ianques instaladas na Colômbia. Depois do desvio da revolução da América Latina com a farsa da revolução bolivariana dos Castro, Chaves, Morales, etc., se gestaram nesta reunião as condições para o brutal ataque das massas do Caribe que hoje vemos.

Viva o levantamento dos trabalhadores do Haiti!

É por isso que o levantamento dos trabalhadores do Haiti, e a luta da classe operária da América do Norte, coloca em questão a estabilidade do imperialismo e seus investimentos na região, por isso, a Lei Nacional de Regularização de Extrangeiro na República Dominicada tem o objetivo de impedir que se valorize a força de trabalho onde tem investimentos e disciplina os trabalhadores para impedir que a classe operária de todo Santo Domingo se una contra o imperialismo, suas transnacionais e governos títeres da região. Por isso, a fronteira está cheia de centros de detenção. O governo dominicano mobilizou 2 000 militares, e começaram os ataques xenófobos.

Basta! Uma mesma classe , uma mesma luta! Por comitês de autodefesa das organizações operárias de Haiti e República Dominicana para defender os trabalhadores dos ataques do estado, suas bandas fascistas, o exército e as tropas da ONU! Fora as tropas imperialistas da ONU (Minustath) do Haiti!

A luta pela expulsão das tropas de ocupação e para deter as deportações e os ataques aos imigrantes, é a luta para melhorar nossas condições de vida. Para ter moradia, educação, saúde, trabalho , é preciso expulsar o imperialismo e suas tropas de ocupação. Expropriação de todas as transnacionais!

Basta de miséria! Trabalho para todos! Por comitês de desempregados e de trabalhadores imigrantes, organizados pelos sindicatos para começar a luta! 100% de salário para os desempregados até que consigam trabalho! Aumento de salário ao nível da cesta básica de todos os trabalhadores da ilha e do Caribe!

A classe operária da América do Norte e dos trabalhadores afroamericanos que combatem nas ruas por seus direitos e contra os assassinatos por parte da polícia de Obama; os trabalhadores negros, latinos e imigrantes que sofrem as mesmas condições na fronteira dos EUA, que lutam pelo direito à sindicalização e por um salário de 15 dólares a hora, são os que podem libertar o Haiti das garras do imperialismo.

A luta para defender as conquistas da revolução cubana e as condições de vida das massas do Caribe, e libertar o Haiti começou a combater nas ruas de Nova York, Baltimore, Ferguson, nos portos e nas 400 cidades onde os trabalhadores da América do Norte lutam por seu salário! **Que se abra a revolução socialista nos EUA! 15 dólares a hora para todos os trabalhadores do Haiti, República Dominicana, Martinica, Guadalupe, Cuba, toda a América Central e as maquiladoras Mexicanas! Uma só luta, uma só revolução na América Central!**

A luta dos afroamericanos nos EUA enfrentando Obama é a mesma luta da nação negra do Haiti contra as tropas imperialistas e suas transnacionais! O movimento negro norteamericano deve lutar para expulsar o imperialismo e suas tropas! Que volte a se colocar em pé a República negra do Haiti! Sem escravistas negros, nem tropas imperialistas. Pelo direito a autodeterminação nacional dos negros nos EUA! Abaixo a nova burguesia castrista! Que volte a se colocar de pé a república socialista em Cuba expropriando a nova burguesia cubana e o imperialismo! Uma só classe, uma só revolução ! Por uma Federação de Repúblicas Soviéticas da América Central e do Caribe!

Juan Rep

1º de Maio em Havana:

Um desfile dos novos vermes ricos do PCC restauradores do capitalismo

Um ato dos irmãos Castro, os "socialistas" de Obama, entregadores da revolução socialista de Wall Street, a Coca Cola e os ianques

A Praça da Revolução foi transformada neste 1 de Maio pelos irmãos Castro, na "Praça da restauração capitalista", na "Praça" da entrega de Cuba aos ianques, na "Praça" de Obama e Castro.

Maduro e Raúl Castro durante o 1 de Maio

Falam da multitudinária mobilização, uma estafa. Marcharam os novos burgueses e burocratas do PCC com o aparato estatal, suas famílias e os policialescos "Comitês de Defesa da Revolução", esses foram os 100 mil que marcharam num país de 11 milhões de habitantes afundados na miséria da estafa da "revolução bolivariana" que deveio na mais brutal restauração capitalista, com operários escravos de 18 dólares e grandes negócios para os ianques.

Nesse Ato, ao qual assistiram Maduro, presidente da Venezuela e delegados de todas as burocracias sindicais traidoras de todo o continente e do mundo como a CGT francesa, a Intersindical de Brasil, ATE-Capital da Argentina, ali não estavam representadas as massas anti-imperialistas cubanas que durante décadas defenderam a revolução cubana, nem os trabalhadores de Latino América que hoje resistem à investida de Obama e seus governos capachos bolivarianos e do TLC.

Nesse Ato estiveram os representantes dos interesses dos irmãos Castro e da nova burguesia cubana, os interesses de Obama e Wall Street, os interesses das transnacionais europeias que há anos estão instaladas na ilha.

A revolução cubana e suas conquistas, neste 1 de Maio estiveram representadas nas mobilizações e barricadas da juventude negra de Baltimore, Ferguson e Nova Iorque que se sublevam contra Obama, Wall Street e seu estado imperialista assassino, estiveram representadas nos operários de Sidor da Venezuela e seu grito de *"Não acreditamos nos socialistas de Hammer, nem nos comunistas de Rolex, acreditamos na revolução dos trabalhadores"*, estiveram representadas nas mobilizações dos mineiros da Donbass, nas mobilizações na Turquia, nos cárceres do mundo onde resistem os presos políticos.

Neste 1 de Maio se enfrentaram duas barricadas claras na luta de classes. De um Lado na Havana com o ato de Obama-Castro, pelo outro as barricadas da juventude operária negra dos EUA onde estiveram representados os interesses e a luta da classe operária mundial e cubana em particular.

O Fórum Social Mundial e sua esquerda reformista, claramente prestaram seu ombro para sustentar o Ato de Havana com os Castro, os "socialistas" de Obama. A FIT na Argentina, quem comemorou o suposto "fim do bloqueio" como um triunfo da revolução cubana, eles tiveram a "ousadia" de "denunciar" em uma parte de seu discurso que Castro tinha abraçado a Obama. Se trata de uma triste manobra para tentar tampar o sol com o dedo, posto que jamais chamaram à classe operária mundial a derrotar a restauração capitalista, aos Castro e seu pacto com Obama e muito menos chamaram a fazer isso nas organizações operárias e estudantis que dirigem. Em sua campanha eleitoral, cartazes, propagandas de rádio e TV, está proscrita, silenciada e ocultada a defesa da revolução cubana contra Castro e Obama. É de um reformista sem limitas que quando se entrega a revolução socialista ao imperialismo, os que se chamam a si mesmos "socialistas" o silenciem, o ocultem, só para poder ganhar alguns votos das classes médias metropolitanas.

Mais uma vez fica claro que o PCC premiou o PTS na Havana por seus "documentários"... são a esquerda de Castro Obama.

No entanto, não foi dita a última palavra, o despertar da classe operária norte-americana deve ser o túmulo de Wall Street, dos entregadores da revolução cubana e também da esquerda reformista sem reformas.

Viva a revolução socialista internacional! Viva a IV Internacional

O PSOL, os "socialistas do Brasil", pendurados das barras da saia do castrismo e dos bolsos da Coca-Cola e da Cargill

Em nome do classismo e do anticapitalismo a Intersindical-PSOL sustenta a nova burguesia castrista em momentos que se restaura o capitalismo e que se entrega Cuba a Obama, a Coca-Cola e a Cargill

Representantes da secretaria internacional da Intersindical dirigida pelo PSOL (como já tinham feito no ano 2014), participaram da "comemoração" do 1 de Maio (Dia Internacional dos Trabalhadores) na Havana acérrimos defensores da resturação capitalista e do ataque contra a classe operária Cubana que já significou 500 mil demissões e a imposição de salários de 18 dólares.

Faziam isso enquanto no Brasil defendem o modelo Syriza, chamaram a votar pelo PT no segundo turno, sustentam com seus parlamentares ao regime burguês e desde seus sindicatos defendem abertamente o Pacto Social, expulsam trabalhadores em luta das prefeituras como fez o prefeito Clécio Luis (PSOL) em Macapá contra os professores e trabalhadores da saúde, e um longo etecetera de recorrentes traições à classe operária brasileira e latino-americana para impedir que se unam suas fileiras e garantir que passe o ataque das transnacionais.

Diga-me com quem andas, e te direi quem és

Os que no Brasil se embandeiram de cores v-v-v-vermelhas e enchem sua boca falando de classismo e anticapitalismo, hoje voltam a viajar pessoalmente a Cuba para sustentar a restauração capitalista, o que já deixaria em evidência que nada tem a ver com o classismo, de anticapitalistas e que não tem nenhuma intenção de lutar pelo "Socialismo e a Liberdade". Até agora não fizeram público seu "balanço" de dito ato, no entanto nada diferente se pode esperar dos que já no ano passado estiveram ai enquanto, detrás dos bastidores, o PCC junto com o Vaticano e os bolivarianos negociavam com Obama a entrega de Cuba a Wall Street e o imperialismo.

Centralizados no Fórum Social Mundial, todos os anos realizam "cursos de grandes dimensões geopolíticas" e de "nível superior". Já no ano passado foram 95 "alunos" de 14 países diferentes. E ao finalizar esse curso o dirigente da INTERSINDICAL e sindicalista bancário Ricardo Saraiva "Big" foi premiado como "melhor aluno" nas mãos de Ulisses Guilarte de Nacimento, Secretário Geral da CTC, que para nada "defende o país e os trabalhadores" como afirmou Big junto com seu colega Edson Carneiro "Índio" faz um ano, mas foi a garantia total do ataque contra os trabalhadores cubanos e de toda América com a restauração capitalista e a entrada das transnacionais ianques na ilha.

Dirigentes do sindicato de bancários do Brasil, integrantes do PSOL

E da mesma maneira que no Brasil garantem que nada se realize por fora dos marcos do oprobrioso Pacto Social, da mesma forma que defenderam a "democracia" brasileira com Heloisa Helena e hoje com seus parlamentares e prefeitos, contra os interesses da classe operária e dos explorados de todo o Brasil, em Cuba são os que defendem os "Comitês de Defesa da Revolução" (CDR), pintando-os como os defensores da revolução e do território nacional, quando não são mais do que polícias sem farda que submetem ao conjunto dos trabalhadores nos bairros proletários e no campo, enquanto garantem o luxo e o lazer da nova burguesia castrista nos bairros burgueses de *El Laguito* (A Lagoinha).

Se isso é o que fez a direção internacional da INTERSINDICAL no 1 de Maio de 2014, hoje quando fica claro perante os explorados do mundo que Castro e Obama são aliados na restauração capitalista em Cuba e na entrada das transnacionais na ilha e em trilhar o caminho do amo ianque em todo seu quintal, estes "sindicalistas vermelhos" da "nova esquerda" do Pacto Social e centralizados no Fórum Social Mundial, que sustentam a restauração capitalista, que sustentam o governo Syriza na Grécia, que sustentam os bolivarianos em todo o continente quando se desmascaram como os melhores agentes do imperialismo na América Latina, pretendem continuar enganando à classe operária com sua roupagem socialista... "*Diga-me com quem andas, e te direi quem és"*... defender o "socialismo" louvando a restauração capitalista, defender o "classimo" submetendo a classe operária a seus carrascos e separando-os país por país, defender os parlamentos comandados pelo imperialismo no Brasil, nada tem a ver com os interesses da classe operária e a luta pelo socialismo. "*Diga-me com quem andas, e te direi quem és"*, os que defendiam as "revoluções democráticas" no Norte da África e Oriente Médio da mão da burguesia expropriadora da revolução (como continuidade da submissão aos bolivarianos na América Latina) hoje se abraçam com os acérrimos defensores de Khadafy e Al Assad, como foram os irmãos Castro, os chavistas como Maduro e todo o castro-stalinismo.

Enquanto os dirigentes internacionais da INTERSINDICAL fazem cursos em Havana, Rodrigo Malmierca, Ministro de Comércio Exterior e investimento Estrangeiro de Cuba, se reuniu com a burguesia da FIESP no dia 7 de maio, para definir os futuros negócios de ambos os países na Cuba capitalista, que se preparam a fazer negócios com o Porto Mariel e sua zona franca. Os negócios fecham para todos, sobre o sangue, a exploração e a miséria dos explorados.

Por isso nada mais digno para um farsante que utilizar o 1 de Maio para submeter à classe operária aos melhores representantes do capitalismo falando em nome do socialismo. A verdade é que nada é estranho, os verdadeiros responsáveis de que o proletariado do continente ainda não se tenha sublevado contra a restauração capitalista em Cuba e que a revolução socialista não percorra novamente o continente americano, são os que se formam em Havana, são os que se centralizam no FSM e que desde o ELAC e o CONCLATE junto com a CSP-Conlutas dirigido pela LIT e a burocracia de esquerda de dezenas de países do mundo se encarregaram de submeter à classe operária a seus carrascos. E o fizeram, como o faz a INTERSINDICAL... falando em nome do "classismo e do anticapitalismo". São a esquerda de Obama-Castro! São a esquerda da restauração capitalista!

Em defesa de Cuba e da revolução socialista

Fora o Fórum Social Mundial das fileiras operárias! Basta de charlatões vermelhos para defender os interesses da burguesia! Basta de utilizar o socialismo para sustentar o capitalismo! Para enfrentar a restauração capitalista em Cuba: Por novas Cubas revolucionárias em América Latina! Basta de Obama-Castro! Basta de entregadores da revolução socialista nas fileiras da classe operária! Que volte a revolução na América! Pelos Estados Unidos Socialistas de Norte, Sul e Centro América!

Correspondente do Comitê Revolucionário Operário e Juvenil pela Auto-organização
FLTI – Coletivo pela Refundação da IV Internacional

ESTADOS UNIDOS

Com sua vanguarda, a juventude e os operários afro-americanos, a classe operária norte-americana se colocou de pé...

Basta de Obama, basta de republicratas, basta de yuppies de Wall Street!

O imperialismo ianque trata sua classe operária e os explorados da mesma maneira que assassina selvagemente com os piores genocídios contra a classe operária internacional e os povos oprimidos do mundo

COMO GRITA A JUVENTUDE NEGRA DOS ESTADOS UNIDOS

"Meu direito a lutar, meu direito a viver, meu direito a EXISTIR" e "Os jovens negros não são bandidos"

Continuam as mobilizações da classe operária e da juventude negra nos EUA

Obama, o "Tio Tom" dos banqueiros assassinos de Wall Street, enviou o exército para reprimir o povo que pede justiça, da mesma maneira que envia suas tropas assassinas a massacrar os trabalhadores do mundo que clamam por pão e liberdade

Julgamento e punição aos assassinos dos jovens operários negros em Ferguson, Baltimore e todo EUA!
Lugar à classe operária norte-americana!
Abaixo o estado de sítio dos açougueiros imperialistas contra a classe operária!

OBAMA ASSASSINO DA JUVENTUDE NEGRA

Abaixo a burocracia sindical mafiosa da AFL-CIO lacaia dos piratas ianques!
É preciso coordenar as mobilizações e aos que lutam!

Greve Geral já em todo EUA!

É preciso colocar de pé uma Rede Internacional para unir em uma mesma luta todos os perseguidos, torturados e encarcerados pelos opressores e os governos de Wall Street!

Liberdade de Mumia Abu Jamal, preso nos cárceres do açougueiro Obama nos EUA. Liberdade a Shereen, Samer, Tariq e Medhat Issawi e os 7000 presos palestinos nos cárceres do sionismo! Liberdade a Dom Mohamoud Khaled al-Shekhi na Líbia! Liberdade de George Abdallah e dos presos bascos nos cárceres da França! Absolvição dos operários condenados de Las Heras em Argentina! Liberdade aos presos de Guantánamo! Lierdade a todos os que lutam! Julgamento e castigo para todos os repressores e assassinos dos trabalhadores e o povo!

O governo da "nova esquerda" de Syriza hoje mantem presos o melhor da juventude rebelde e os combatentes antifascistas

LIBERDADE IMEDIATA E INCONDICIONAL DE NIKOS ROMANOS E TODOS OS PRESOS POLÍTICOS GREGOS!

Todas as organizações operárias e estudantis combativas tem a obrigação de convocar e encabeçar mobilizações e concentrações nas embaixadas gregas do mundo e todo tipo de ações pela liberdade dos jovens rebeldes lutadores contra o regime da Troika.

Não podemos permitir que em nome da esquerda e a luta anti-imperialista se encarcere e se reprima os trabalhadores e a juventude rebelde!